



Site OHS – Depoimentos Históricos

Transcrição da entrevista completa

Projeto: História do Câncer: Atores e Políticas

Data: 2 de maio de 2011

Depoente: Simone Evaristo

Entrevistadores:

Letícia Pumar

Luiz Antonio Teixeira

Marco Porto

Paula Habib

Local: Rio de Janeiro

Duração: 2h30min

Como citar:

DEPOIMENTO de **Simone Evaristo**. **Site do Observatório História e Saúde – COC/Fiocruz**. Depoimentos - História do Câncer. Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <

<http://ohs.coc.fiocruz.br/biblioteca/depoimentos-historicos-historia-do-cancer/>>.

Acesso: **dia** de **mês** de **ano**.

Transcrição da entrevista completa

Simone: Mas conseguiram falar com o Dr. Mário, né?

Paula: Conseguimos.

Simone: Ele é uma doçura gente.

Paula: Entrevista com a Professora Simone Evaristo, dia 02 de maio de 2011, uma hora da tarde.

Simone: É uma figura. Dr. Mário Jaconiani é uma figura. Sim, tem o Dr. Diamond que é outra figura.

Paula: Agora a gente preparou um roteirozinho assim, mas só pra gente... por que é tanta coisa que se a gente...

Simone: É muita informação.

Paula: Não... não... não, é só para gente se... se guiar...

Simone: Ah tá, tem que ser!

Paula: Porque é muita informação, se não a gente acaba se perdendo, esquece de perguntar, né!

Simone: Nem fala, muita coisa, muita coisa.

Paula: Bom, então é... vou começar... entrevista com Simone Evaristo, dia 02 de maio de 2011, as 13h, aqui na COC-Fiocruz. Primeiro agradecer por você ter vindo aqui.

Simone: Nada.

Paula: E aí assim, pra começar eu queria que você falasse um pouquinho sobre a sua formação profissional, eu vi que você é bióloga de formação e fez algumas

especializações, né! Então eu queria que você falasse um pouquinho da sua trajetória profissional.

Simone: Na realidade eu fiz biologia antes mesmo de pensar em conhecer a citologia. Eu queria fazer na realidade... eu queria fazer botânica, por que eu sou apaixonada por planta. Daí eu fiz a faculdade, por opção e tudo, eu fiquei numa faculdade particular, por que queria trabalhar. Não adianta você só estudar se não tiver como bancar, né? Então não adianta. Nesse... período... nos últimos... e eu trabalhava ao lado da minha casa, só que no último ano da faculdade, eu estava vendo que a faculdade não ia me dá o suporte para trabalhar. Então eu fiz a loucura de pedir demissão do trabalho e ficar 1 ano fazendo estágio. Aí na época eu entrei num estágio de laboratório de análises clínicas. Então eu fui lá aprender a colher, aprender a ver a... os outros materiais, aí você vê como é defasada a coisa, né! Por que bota os estagiários. A coisa é muito largada. Essa área laboratorial. Nisso eu passei para um concurso público como administrativo num posto de saúde. Fui para em Olinda, né!! Olinda que eu digo é aqui... baixada. Falo Olinda parece até que outro estado, mas é Nilópolis.

Luiz Antonio: Ao lado de Anchieta.

Simone: É, do lado de Anchieta. Nem sabia. Primeira vez que peguei um trem, foi um desespero naquela fala do trem... a se desesperar. Foi assim muita... muita aventura. Quer dizer, eu sou realmente um pouco aventureira. Quer dizer, aventureira assim... eu não.. não sei se assim... eu não tenho medo de arriscar. Eu tenho muito mais medo de me arrepender do que arriscar. Então eu vou e encaro. Penso nas possibilidades e encaro. Aí fui lá para o posto, conheci. Aí ouvi falar um pouco de citologia quando eu fui fazer um estágio no hospital do exercito. Tinha uma... uma técnica lá que a filha trabalhava no INCA e me falou da citologia. Eu falei hum... citologia, bom! Se é pouco falado. Tem pouca gente no mercado. Eu vou pra lá. Quer dizer, procurar alguma coisa de mercado, né! Acabou que eu fui lá para me inscrever, ha tem que ser funcionário público. Eu ainda não era. Aí quando eu saí, eu passei para um concurso público. Fui chamada. Aí cheguei no posto e falei... aí com menos de 6 meses me mandaram fazer o curso. Nisso eu já estava terminando a faculdade. Então foi assim que eu caí dentro da citologia. Por acaso. Que não era... que não é uma profissão que você saiba que existe. Você não sabe. Você vai num médico e olha assim a lamina, mas ninguém sabe, ninguém imagina, nem faz idéia para onde vai aquele material, né! Aí eles queriam até montar no posto. Aí você vê que a desinformação é tanta que eu falei: Olha chefe, pra montar no posto tem que ter o laboratório. Ue, mais precisa de tudo isso! Pra ver como ninguém tem noção do que é, né! Então aí eu fui fiz os exa... aí ia só nos sábados trabalhar, né, até a liberação. Nessa brincadeira eu acabei caindo no laboratório particular e quando eu vi estava dentro do INCA. Eu fiz uma prova... três anos de formada ia ter uma prova lá pela FAP. Eu falei, ah eu vou fazer. Ah se você não vai

fazer. Eu falei, ah vou. Tem um monte de gente de anos e eu só tenho 3 anos de formada mas eu vou. E acabei passando em terceiro lugar. Nem sabia que era para dar aula, que era pior ainda. Eu tenho pavor de dar aula. Minha família queria que eu dessa aula e eu disse não vou fazer normal porque eu não aturo eu não tenho paciência. Parece que eu pago pela língua. Foi parar dentro do INCA que era para dar aula e parei numa Universidade, que era uma vaga só, ninguém quis fazer a prova, só tinham 8 pessoas fazendo a prova. Eu falei, gente eu só concorro para uma vaga, pode ter 15 eu não vou ficar com as 15. Não adianta, nunca tem concurso para citotécnico. Acabei passando também. Passei em 2º lugar, o 1º não pode, lá estava eu dentro de uma Universidade. Qual foi a primeira coisa que o cara pediu? Para dar aula para os residentes. Eu estou pagando...

Paula: Aonde?

Simone: Na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, né. No hospital Gaffrée e Guinle, né. Eu falei eu estou pagando pela minha língua. Não tem jeito, tenho que dar aula de qualquer jeito. Então acabou eu fazendo a faculdade e não quis fazer nenhuma especialização, nem mestrado que eu estava fazendo dentro da área, até que eu soube que o Fundão montou uma especialização em citologia clínica. Fiz. Eu faço tudo muito por curiosidade, né. Pra ver, por que eu acho que você tem que estar antenado em tudo até para entender o contexto pro um só. Nada é uma linha só, correta e simples. Aí acabei fazendo a especialização. Acabei entrando para o INCA para dar aula. eu nem sabia que era para dar aula. E assim começou. Aí fiz... tô na área, né... trabalhando até hoje nos dois ao mesmo tempo. Por enquanto, daqui apouco vou ficar só em 1 porque acho melhor. Não tô agüentando mais. É muito confuso.

Paula: E aí você entrou para dar aula no INCA no curso do CITEC?

Simone: É, aí eu entrei... eram 4 vagas, eu passei acho que em terceiro, sei lá. Entrei nessas vagas. Aí quando eu falei gente dar aula... eu não tenho experiência nenhuma de dar aula. Que quê eu vou fazer aqui dentro? Só tenho 3 anos de formada. É muito pouco. Ainda não tinha muita segurança. Também até que... antes de terminar o curso do citec... eu fiz o curso no citec na época você não tinha todos os professores. Não era a estrutura que tinha agora. Tinha lamina. Você tinha duas professoras só, né. Se tinha algum problema... as vezes a gente não tinha microscópio. Se tem pra todo mundo...

Luiz Antonio: Você fez o curso já estando no INCA?

Simone: Não... não.... não. Entrei no INCA três anos depois de formada pelo próprio...

Luiz Antonio: Pelo próprio curso?

Simone: Pois é! Aí a confusão, né, do próprio INCA. Que na realidade você tem um curso citec e você tinha o curso INCA.

Paula: Mas...

Simone: Eram duas coisas separadas. Depois que juntou. Acabou... acabou... entrou e o citec passou a ser parte do INCA. Essa é... essa que é a confusão. Quando você pega alguns certificados... foi que eu percebi isso, quando eu peguei um certificado. Dois certificados, com datas diferentes... todos dois escrito INCA, mas em período diferente. Então, existe essa confusão. Dr. Mário montou aquele serviço, montou... mas fora isso, dentro do hospital tinha outro curso.

Paula: De citotecnologia também ou de citologia?

Simone: Citotécnico... curso citotécnico. Era o Dr. não sei se Onofre. Quando vocês pega... quando vocês pegaram esse certificado, engraçado, eu pensei que o certificado pudesse descobrir tanta coisa, né! Você vê as datas... eu montei aquele negócio pra... o boletim olhando os certificados e botando em ordem cronológica. Aí você vê... ue, tem alguma coisa errada. Por que terceiro curso e aqui também terceiro curso? Por que tinha isso. Você tinha o citec lá na lapantres de mai. Nós ficávamos lá, no IPEST. Tinha um negócio... antes era... antes de ser Citec era Pitec, porque teve o programa. Aí teve esse curso lá. E tinha ao mesmo tempo no hospital do câncer tinha outro curso.

Paula: Isso mais ou menos em que ano?

Simone. Aí, os anos eu não lembro, porque quando eu assim... eu percebi porque quando a gente pega pessoas antiga... ah porque tinha do INCA, se tinha do citec. O do citec, antes de ser Citec, antes de ser Itec, já tinha... o Dr. Mário já tinha essa coisa de ensinar. Então, é uma coisa que já vem muito antiga. Ele fala.

Marco Porto: Mas começou nas pioneiras?

Simone: As pioneiras foi o oficial, do que eu descobri que o Dr. Mário foi um dos primeiros. Ele com o Grimaldi. Os dois montaram esse curso lá, mas nunca... fizeram coisa, como se diz, um marketing. Quem fez o marketing foi o outro. Depois que brigaram e saiu.

Marco Porto: Pioneiras foi antes do 13 de maio?

Simone: Muito antes.

Marco Porto: Esse curso das pioneiras e que foi pro... para 13 de maio.

Simone: Não. Foi não. O curso das pioneiras foi o primeiro de todos. Depois que acabou... depois surgiram os outros. A coisa é diferente. Esse foi o primeiro oficialmente... já existia um curso, alguns treinamentos. Mas as pioneiras oficiais pelo.... Campos da Paz, foi que saiu anunciado... foi o que a gente considera como primeiro. Trouxe todo um padrão de uma escola mesmo de formação.

Marco Porto: E o curso do INCA era lá na Cruz Vermelha?

Simone: Na Cruz Vermelha não. Esse eu não sei. Esse curso do INCA eu não se se tinha lá. Tinha no hospital do INCA, né! Eu sei que teve um curso.

Simone: Sim, mas onde? No hospital do INCA você diz onde é?

Simone: Hospital.... na Cruz Vermelha. É da Cruz Vermelha. Fala da Cruz Vermelha eu lembro da Cruz Vermelha que eu trabalhei na Cruz Vermelha...

Marco Porto: Na praça... na praça da Cruz Vermelha.

Simone: Da praça. É que eu trabalhei na Cruz Vermelha de Nova Iguaçu. Aí eu sempre penso.

Marco Porto: E esse... e esse... e esse lá quem organizou?

Simone: Olha, eu não me lembro se foi o Dr. Onofre... que tem.... eu tenho que ver nos... nos documentos ali tem quem era... acho que... acho que teve 3 ou 4 turmas só lá. Nos temos, por exemplo, no INCA nos temos profissionais que se formaram lá. Nos temos profissionais que se formaram com Grimaldi. Nos temos profissionais que se formaram na UNIRIO. A gente tem profissionais que foi só treinando. A gente tem profissional de tudo que é tipo lá dentro do INCA.

Marco Porto: Lá nas pioneiras, foi Dr. Mário Jaconiani e Dr. Grimaldi?

Simone: Eles começaram. Agora, quem mandou a escola, né, porque já começaram a treinar. Eles já treinaram pessoas. Treinaram pessoas de nível superior. Aliás, o Grimaldi foi... como se diz, boicotado da sociedade, porque treinava níveis superiores. Uma das primeiras... mas você quase não houve falar no professor Grimaldi. Mas ele estudou no papanicolau. Ele deu aula nos Estados Unidos. Ele teve um dos primeiros... tem várias titulações e você quase não vê ouvir falar dele por causa desse erro dele, coitado, de treinar não médicos, né! Então ele foi quase que boicotado. Ele foi um dos

primeiros que fundaram a Sociedade Brasileira... era de citologia. Disse que foi enganado, depois mudaram o papel e tiraram ele. Então tem toda essa... quando vocês conversaram com ele... acho que ele ainda está... acho que ele ainda está na ativa, dando aula, mas ele... ele fala essas coisas.

Marco Porto: E como foi a briga lá? O que quê houve lá nas clínicas?

Simone: Olha, essa parte eu soube a pouco tempo, mas alguma... eu não sei. Foi entre o Dr. Mário... esse Dr. Mário que seria pra falar, porque foi com ele. Tanto que ele saiu. Dr. Mário foi pra o INPS, onde ele montou depois o CITEC... IPEC. Dr. Grimaldi foi na UNIRIO onde teve um curso, na UNIRIO. Ele também deu dois curso lá e depois estava dando cursos particular mesmo no curso montado.

Marco Porto: Foi nesse momento que o curso acabou nas pioneiras?

Simone: Não. Foi aí que começou a escola mesmo, que até então era aqueles treinamentos, nada oficial. Depois que eles saíram foi montada a Escola de Citopatologia...

Letícia: Em 68 é isso?

Simone: 60... 70... na década de 60. Que foi montado...

Marco Porto: Quem montou?

Simone: Aí o Campos da Paes com o Dr. Barcelos, eles montaram, né! A filha do Campos da Paes tinha feito um curso na França, né! Veio, foi a coordenadora. Tanto que é... todo um modelo que a gente usa até hoje. Os slides... a metodologia toda que a gente usa até hoje, né! Aí que vem...

Luiz Antonio: Como você tem conhecimento dessa história, Simone?

Simone: Ah menino... essa história... esse aqui... eu tenho conhecimento... porque colocava conversando com a ?? Isolda quando a gente estava fazendo a inauguração, né, do material novo da escola. Ah, vamos chamar o Dr. Mário? Aí as pessoas começam a comentar e a contar, e a Isolda, pois é eu sou daquela época, dava aula junto com ele... teve isso... ele também era de lá... Regina. Os citotécnicos antigos da antiga sabem essas histórias. Eles viveram essa história. Então, por isso eu sei dessa história. Até então eu não sabia. Elas contaram essa... eram juntos. Ah isso também foi? Foi. Eu era de lá, depois saí. Então você tem toda uma anuência histórica pra...

Marco Porto: Ainda tem muita gente aí que possa contar essa história?

Simone: Ih, tem... tem... tem muita gente. É, você vai achar, pois éh... ela trabalha do lado de... do meu lado... você, olha não sei quem trabalhou... conhece. Aí começou a contar. Aí eu falei, gente eu não sabia dessa parte! Vocês nunca me contaram isso, né! Um evento acaba puxando uma coisa, né! Então tem... tem os citotécnicos essa coisa pra falar também... de contar essa história toda. Em Recife, a gente fala muito do Rio lendo aqueles documentos que eu vi que tem escola em Recife. A de São Paulo que era IBCC, né? Que agora tem da FOSP. Na realidade... aí, essas coisas das pessoas contarem... a escola lá... teve um primo meu de São Paulo... quem é que trouxe a ideia? Foi uma das pioneiras, Maisa, que se mudou pra lá que ajudou a montar. Por isso que tem aquele perfil. Eu... eu pensei nisso, quando ele coloca sobre os paraplégicos... porque esse era o curso que tinha nas pioneiras.

Luiz Antonio: Já tinha nas pioneiras?

Simone: Aqui nas pioneiras tinha. Tem até as fotos... é nas pioneiras já tinha. Então como eles tiveram aquela ideia... a mesma ideia, né! O mesmo sentido, mas aqui tinha... teve duas ou três turmas que eram pra... era misturado... não era só paraplégico, mas tinha paraplégicos aqui, nas pioneiras também. E tem as fotos do pessoal, as cadeiras que era adaptada. Então quer dizer, umas coisas que foi se levando e transmitindo por aí.

Luiz Antonio: Você sabe alguma coisa ou alguma história sobre Pernambuco?

Simone: Pernambuco eu só escutei por... eu acho que a gente deve encontrar até umas citotécnicas que se formaram nessa escola. Tem uma doutora, esqueci o nome dela, acho que é Maria José. Ela participou. Estava tentando reativar. Eu nem sabia dessas que tinham do Rio Grande do Sul. Eu já tentei entrar em contato com pessoal do Rio Grande do Sul. Que lendo aqueles papéis para que também teve informações. Mas só que aquelas informações que dentro do hospital, que é a característica da citologia, é o treinamento ser dentro do hospital por causa do ambiente, né! Aí a gente escuta falar que teve mais documentos mas a gente não conseguiu pegar. Que não sei por que milagre, tudo da citologia se perde. Tudo assim! Você já reparou? Tudo se perde e você não acha em nenhum lugar. Já teve jornada científicas internacionais. Já teve tudo isso. Aí você vai procurar. Ah, fulano não tá... não lembro! Ninguém guarda nada. Não tem nada. Mas, já teve. Tudo isso que a gente tá fazendo já teve, mas se perdeu por algum motivo, né! Aí não se entende mais alguma coisa. Agora!

Paula: Falando um pouco do seu curso de especialização que você fez no INCA, entre 93 e 94?

Simone: Não. Esse de especialização eu fiz no Fundão.

Paula: Ah tá.

Simone: Esse é o curso que eu fiz de técnico em citologia.

Paula: Isso. Entre 93 e 94? Como foi o curso? Quem foram seus professores? Como foi a formação?

Simone: Na época, era Dr. Mário, era o chefe. Dr. Nelson estava começando. Acho que ainda não estava coordenando. Ele foi... até que fez a entrevista comigo, né! Eles só aceitavam nessa época funcionário público. Se fosse funcionário público indicado, mandava-se o currículo e fazia a avaliação. Lá... a escola era dentro... tipo um porão. Que tinha o andar de cima e tinha a parte assim de baixo. Os microscópios eram até meio velhinhos. Eram só dois professores, que a gente tinha. Era a Márcia Painc, que está ainda lá no INCA, e Elenise que se aposentou. Então elas que davam... ah, e tinha professor não. Minto. Tinha mais um professor, que era o professor Parente. Ele dava a parte de administração. Eu achava um terror, ter aula segunda de manhã e sexta à tarde de administração. Eu sempre falei, Márcia isso é um castigo que você está fazendo. Imagina, eu chegava segunda e assistia administração de empresas e sexta-feira à tarde ter que assistir administração. Isso é pra acabar com a gente. E tinha uma mestre que dava aula de vez em quando, né! Eu dei aula no lugar dela. Acabei dando aula no lugar dela, e ficava faltando aula aqui. Eles acham que aquilo é uma coisa muito... sabe? Tem compromisso, mas como se fosse escolinha... ou uma coisinha que vai lá! Não como uma escola... então, não tem essa.

Luiz Antonio: Eles quem?

Simone: Oi.

Luiz Antonio: Eles quem organizaram?

Simone: Os médicos. Eu tenho que falar que é os médicos, não tem jeito. Falar que é os médicos. Eu não posso fazer nada. Agora a farmácia também já está fazendo isso. Então não se preocupe, já não estão sozinhos. Mais é uma questão... mas é... uma questão cultura, né! Você vê que é uma questão cultural.

Luiz Antonio: Em 93 ou 94, quando você fez já era...

Simone: É aquela de julho a julho. Era...você tinha... pegava de julho a julho. Não era

de março a janeiro como a agente faz agora.

Luiz Antonio: Já era esquema de horário integral?

Simone: Já era integral. Aliás, conti... porque as pioneiras eram dois anos quase. Aí depois passou para ser meio período, mas eram dois anos. Aí diminuiu e ficou o horário integral, principalmente o pessoal que vinha de fora, pra ter uma carga horária, ter o treinamento. Que se cobra muito o quantitativo de laminas, né. Na minha época era 1.000 ou 2.000 casos lidos. Não eram só as aulas teóricas, mas eu tinha que ter esses casos, ter experiência de ter acuidade visual, o treinamento da acuidade visual. Que é o carro forte, né, da citologia. São todas as situações que você pode passar. Por que eu falo sempre com os meus alunos. Essa lamina não vai ser... a gente não tem como dizer pra você como vai ser todas as laminas. Você tem que ter capacidade de saber interpretar aquela lamina que você está tirando. Então não adianta você olhar no livro, vai te ajudar, mas vai ter situações que você vai ter que interpretar e a gente têm que orientar o raciocínio para que interprete correto. Então essa... então você tem que ter a leitura. No final alguns... alguns pegam mais rápido, outros nem tanto. E a gente tinha a dificuldade porque as meninas tinham que ler, tinham que dar a prática, elas davam as laminas... citotécnicos. E que a gente pegava a rotina dos citotécnicos... não tinha condição de 15 e 10 se dedicavam para 2 corrigirem tudo, né. Então a gente tinha muito isso, né. Aí tinham os microscópios antigos, mas era assim... foi... a modernização ali foi ótimo, mas o esquema, modelo... se tinha coloração em cima. Mas, mesmo assim nesse curso, por exemplo, uma coisa que se percebe eu era muito treinada na leitura. Nunca me botaram na parte técnica. Que é o que falta. A técnica de coloração. A gente tinha noção de coloração, e tudo, mas o treinamento era muito visual e não da parte que você precisa saber, a coloração, de corar. Isso é um problema agora porque eles não se enxergam fazendo isso. Essa foi uma discussão em Brasília que a gente teve... que eu sou um pouco ditadora. Infelizmente eu tenho que ser ditadora em alguns momentos. Por que tem umas pessoas... ele disse assim: Não por que eu não faço isso eu só faço leitura. Eu falei: Gente corda! Se você faz leitura só, você deixa de ser técnica. O seu diferencial... a própria citologia, né... o citotecnologista ele começou com a técnica, com a necessidade de campanhas em massa foi colocado também na leitura. Mas, ele na realidade ele... a maioria do citotécnico em alguns lugares gerenciam o laboratório. Porque são eles que eles gerenciam? Porque eles têm que saber desde a recepção. Como recebe. Como é feito... como é que faz a leitura e a triagem. Esse é... o citotecnologista ele age em tudo. Esse é o diferencial que eles não conseguem perceber. Nós não somos só leitura. Nós somos o laboratório de citopatologia. Essa é... nós somos um laboratório de citopatologia. Que toda essa parte é importante da técnica? É envolvido. Então é difícil de entender por que é muito... treinamento de serviço, treinamento em casa. O que quê se tem agora? Ah, não tem escola. A

desculpa. Então pega a secretária, treina, ela fica lendo alí. As vezes nem conhece... conhecimento. Desiste do lugar. Então ela só fica...

Luiz Antonio: Simone, como você passou para o corpo docente do CITEC? Que agora é professora.

Simone: Pois éh, teve um concurso, 3 anos depois teve um concurso. Por que aí, de pois de formada, quer dizer, antes de eu me formar, estava faltando uns dois ou três meses, um laboratório precisava de alguém, e eles não achavam ninguém. E eu fui indicada. Antes de formara para trabalhar lá.

Letícia: Laboratório privado?

Simone: É, laboratório privado, Sergio Franco na época. Até a médica que dava aula, que acabava dando aula no lugar dela, chegava eu já estava dando a aula. Por que o pessoal pedia explicação de alguma coisa... e ela que me indicou para ir para esse laboratório. Então eu já estava trabalhando nesse laboratório, aí, todo concurso que tinha... eu... de citotécnico no caso, tenta e experimenta fazer. Ah porque é no CITEC, eu falei, ah não sei se eu vou! Fazer... ha eu vou fazer. Vou fazer só... é de graça, a gente treina. Sempre penso assim: Eu não vou passar mesmo! Eu sempre falo assim: Eu não vou passar mesmo! Acabei passando, e eu não sabia que era para a escola. Então eu caí de pára-quedas. Não sabia que era para a escola. Então foi eu... aí entrou eu, Leda, Egon, Bernadete, todos nós entramos porque eles estavam com a intenção de aumentar o número de alunos, né! Eles estavam... tinham dificuldade que eles tinham, acho que 1 ou 2... a professora Márcia e a Regina. E queriam também aumentar de... ter duas turmas, né. Duas turmas de 10 alunos. Tinha uma que começava no começo e outra começava no meio. Então eu fiz a prova e acabei entrando pra dar aula.

Luiz Antonio: Me diz uma coisa Simone, você falou que você estava acabando o seu curso e foi chamada e descobriu...

Simone: É, entrei como estagiária.

Luiz Antonio: que o Sergio Franco estava precisando de...

Simone: É, nem eu descobri, me convidaram.

Luiz Antonio: Convidaram. Isso era uma coisa normal? Assim, muitas pessoas ao acabar o curso do INCA, o CITEC, iam pro... pra iniciativa privada, para esses laboratórios?

Simone: A grande maioria vai para a iniciativa privada.

Letícia: Mas eram funcionários públicas, não eram? Por que era o objetivo? Como era isso?

Simone: Esse é o grande problema. O grande quesito que a gente tem que pesquisar é justamente isso. Eu mesma... meu chefe adorou me mandar, mas ele não tinha noção de que tinha que implantar... que precisava de laboratório? Precisa... precisa de um médico citopatologista. Ah, mas só você não pode ler? Eu posso.

Letícia: Então a idéia é você montar...

Simone: Ele queria montar o serviço e tudo, só que você tem toda uma particularidade. Você tem toda uma logística. E eu falei: Precisa de um médico para assinar. Ah, eu preciso contratar mais alguém? Que é por isso que a farmácia dela vai... ah eu posso fazer isso e não posso assinar. Essa é a chamada. Ele falou assim: Não, precisa de um médico pra assinar. Mas é só você e você não lê? Tipo assim, se você lê você resolve? Então por isso que eu digo que eles não têm noção do que realmente é o laboratório de citopatologia. Implicância de alguma coisa, né. Aí ela não estava conseguindo ninguém para esse laboratório e resolveu me convidar. Entrei como estagiária, porque não poderia ser funcionária, porque eu nem tinha terminado o curso, nem nada. Se bem que o curso não tinha reconhecimento técnico, terminado ou não. Mas geralmente as pessoas que terminam... naquela época o CITEC não tinha a fama que tem hoje, né! Os alunos de lá não era assim: Ah do CITEC. Não tinha confiança que se tem na formação que se tem hoje, né, de uns tempos pra cá da mudança. Por causa de alguns problemas. E a grande maioria manda os funcionários... eles mandam por que tem o convite e manda. Chega grande reclamação que eles nuca colocam eles para trabalhar naquilo. Acaba sempre indo para a rede privada. Esse é o grande problema. Se não monta...

Marco Porto: Mas se acha que o grande fator dessa migração para a rede privada é que o profissional depois de capacitado fica frustrado de não poder usar, isso é o principal?

Simone: Olha, não. O principal é o próprio serviço não montar o negócio. Ele manda o funcionário... mas chegar dá muito trabalho montar isso. Terceiriza. E é claro... e as vezes até o Claudio... então é muito... então ela chega... e ao mesmo tempo o cara é administrativo. Volta lá. Você vai ganhar a mesma coisa. Se vai fazer as duas coisas ou você vai trabalhar em desvio de função. Qual é o grande problema? Se não existe profissional... não existe a cadeira... ele vai estar em desvio de função. Então você

começa a coisa... né!! Que é administrativo mas trabalha como técnico e não tem insalubridade porque... então você começa essas implicações todas. E acaba indo para o particular mesmo. Então essa é... é a... você... eles mandam, mais ao mesmo tempo você vai voltar a trabalhar em desvio de função. Né... acho que essa... essa coisa toda que eles estão organizando... que é a grande maioria, né! Por exemplo, a minha colega lá da UNIRIO, ela é técnica de laboratório, né, aí tiraram ela pra fazer... pra trabalhar na citologia e a treina. Ela é muito boa nisso... nossa! Mas ela saiu de lá de técnica de laboratório e colocou pra lá. Por isso que eles acham que a formação técnico de laboratório generalizada é muito bom. Mas não é. Você tira por que tem um título, né. E joga... e faz o treinamento em serviço para a pessoa trabalhar na área. É o que acaba acontecendo, né. Aí vamo... vamos ver como é que...

Letícia: Mas agora essa restrição não existe mais, né? Não precisa ser funcionário público para entrar na escola, né?

Simone: Não, agora... por que agora a grande maioria era terceirizado... então eles podem ser de laboratório que tem convênio, né, ou SUS...

Letícia: Vocês estão agora tentando ganhar pessoas da rede privada? Tem essa preocupação?

Simone: Não... como está aberto o SUS para todo o laboratório que queira fazer... então, esse laboratório pode mandar o funcionário pra fazer o curso. Só o que acontece que o particular quando ele vem, perde o emprego. E não tem mais o vínculo. Então não tem garantia nenhuma que ele volta para aquele mesmo serviço. Então é... é uma coisa meio... meio duvidosa.

Luiz Antonio: Uma coisa que eu fiquei curiosa **Simone** é... a gente estava conversando... a Leda, ela falou que a pouco tempo somente que o curso técnico foi aberto para pessoas que poderiam vir na iniciativa privada. Fiquei na dúvida no seguinte... a gente olhando o documento, assim... a gente vê que desde de muito tempo, desde o Viva Mulher, a gente lida muito com laboratórios privados nesse trabalho com papanicolau. Em todos esses anos o que você acha disso assim? Nos últimos 10, 20 anos assim... sempre o interesse do citec foi em formar pessoas da rede pública, se a maioria da necessidade de citotécnicos está vindo da rede privada? Quem explica um pouco isso?

Simone: Eu acho... entra muito essa problemática, justamente por que o profissional existe, não existe na cadeira... não existe esse profissional dentro da cadeira até para fazer concurso, né. E os próprios laboratórios preferem terceirizar. E a coisa política somente no interior. Eu tenho um aluno, que eu soube outro dia, que ele sai... ele fez o

curso... voltou para a cidade dele... ele era... trabalhava no labora... no público, mas era que não podia, que não tinha condições, ele leva para o particular dele. Então você tem muito da coisa política de pegar esse material e levar para o particular, né. A outra coisa é... como é que eu vou dizer... é que agora eu esqueci a pergunta... repete ela aí.

Luiz Antonio: É por que quê durante todos esses anos

Simone: Pois é... ah esses anos todos acho que eles começaram a acordar um pouquinho, por que antigamente como começou a raiar de se mandar currículo. Ninguém que mais mandar no seu funcionário público. A maioria do perfil de agregar os que não fossem, éh, funcionário público. Mas era mais a cabeça... acho que quem pode responder melhor é o Dr. Nelson. Ele que coordenava essa parte. Ele que fez a entrevista quando entrei no curso. O por que de não chamar nessa época os laboratórios particulares para fazer treinamento. Não sei se por causa da bolsa que vem do programa Viva Mulher... um mistério. E a mudança já que não se estava tendo mais currículo para ser mandado. Você não tinha funcionário público pra ser é... encaminhado pro citec. Então se abriu para os particulares que estavam fazendo para o SUS. acho que também tem muito disso, mas o Nelson pode explicar melhor essa transação política por que ele que fazia essa... essa parte, né!

Letícia: Você percebe alguma mudança de perfil nos alunos? Por exemplo... eu não sei... eu... me parece que nesses primeiros cursos, das pioneiras, eram pessoas assim mais jovens, iniciando a carreira, acaba o segundo grau e vão tentar... e me parece agora, que talvez até ...

Simone: Trabalhado. Mas trabalhador.

Letícia: Alguém já... que já tá trabalhando e não servidor público. Você sente isso? ou como é que é?

Simone: Olha, na época das pioneiras eu não sei te dizer... que eu me lembro que o Dr. Mário falou que usava muito... éh, pessoas que estavam se... saindo do segundo grau e tudo mais você tinha pessoas que estavam assim... tinha gente de outros estados... outros países, tanto que alguns ficaram aqui, voltaram para suas cidades, e até outros ficaram aqui... mantiveram. O perfil de agora... nós tivemos uma turma... vamos vez se eu consigo sintonizar essa pergunta. Nós tínhamos uma turma que era um perfil... a única época que a gente colocou de 18 foi aberto. Nessa época foi aberto. Nessa época foi aberto... não tinha nem de ligação com serviço público. Então você tinha... a idade era de 18. A idade mínima era de 18 anos. então tivemos uma turma de cara pintada, que foi na época dos caras pintadas, né. Uma turma de cara pintada... que desespero foi para a gente. Deus me livre! Olha, você não sabe como a gente rezava para acabar

aquela turma. Então tinha muito essa garotada de 18 que tinha acabado de sair do segundo grau que o tratamento com o professor do segundo grau era diferenciada, a gente não estava acostumado com aquilo, estava acostumado com o trabalhador. Então tinha uma que ela parecia uma Penélope charmosa, tudo era rosinha, tudo pegava rosinha, a bolsa era rosinha, tudo assim.

Luiz Antonio: Peraí... peraí.

Simone: Aí, então tinha todas essas coisinhas... tudo dela... qualquer coisa... Olha! Uma outra... uma outra que era completamente louca menina. Aquela menina inventava mentira que era uma praga. Tinha assim... ia com a cara limpa. Tinham uns dois ou três que eram mais, né! Então tinha um outro perfil. Foi um desespero. Sabe, assim de desafiar o professor. Teve uma vez que fui atender, era uma sala pequena, eu sou gorda e não passava naquele negócio. Eu tinha que ir andando. Eu ia atendê-la só que estava respondendo outra pessoa. Eu estou lhe chamando e você fez isso comigo!! Eu falei aí meu Deus! Aí meu saco! Criatura eu já estou... você não está percebendo que eu já estou andando até aí? Mas assim, sabe? Foi na época do cara pintada então tudo para eles era fazer revolução. Falei: Caraca!

Letícia: E esses formados foram para onde, se sabe?

Simone: Não quisermos nem saber. Eu não quis nem saber onde foi para esse povo. Mas eu sei, por exemplo, que uma tá no serviço público agora. Tem outras duas... que não é... quer dizer, dos que eram mais atentados, né, dessa coisa, eu não sei e agente não quê nem saber, nem procura saber. Olha que a gente teve um... até aumentou... bota de vinte e pouco anos. Bota mais de 18 não por que ninguém tem perfil... a gente não é treinando para ser professor, né! Não foi treinando pra ser... a gente acabou assumindo, mas não foi. E foi a turma que deixou marcas assim que ninguém que nem ouvir falar. Foi assim com uma coisa tão... botar essa turma de... saindo agora, né, pra... então o que eles querem... que a de citologia é aquela coisa bem... você tem que ter tranquilo. Existem uns trabalhos... é... na internet, que quando eu comecei a saber de citologia, né, que me perguntaram: Como é o citotécnico do Brasil? Hum... Não sei. É por isso que eu comecei a cavucar esses negócios todos. Aí comecei a colocar em inglês e vi citotecnologia. Existe um atlas da área citológica falando justamente sobre a idade dele como começar nessa área. Do perfil né, feito em vários países. Que a mentalidade é outra. Então tem um trabalho sobre isso que foi... quer dizer, nós estamos atrasados mais estamos agora fazendo o que já nos outros países já... já se sentiu divulgado.

Letícia: Qual seria o perfil?

Simone: Eu... eu nem comecei a ler que eu peguei na internet... eu pego tudo te aguardo para um dia ler. Eu guardo tudo. Aí tive necessidade para escrever, peguei algumas coisas separei. Essa minha outra necessidade. Justamente adolescente... é muito jovem para pegar esse perfil... isso é uma coisa parada esse trabalho. Ele não tem muita paciência de ficar... pô ainda não apareceu nada! E tem rotina que você não vê nada. Se não tem nada. Não tem nada de interessante. Você tá vendo e só tem as células. E ele, né... já que é uma coisa mais ágil... também depende do perfil da pessoa. Que fazer pesquisa... que... que... outros, né!!!

Luiz Antonio: **Simone**, são mais homens ou mais mulheres?

Simone: Mais mulheres.

Luiz Antonio: Sempre foi?

Simone: Sempre foi mais mulheres. E engraçadas que eu vi outro dia na internet... uma história dos EUA dessa... quando começou a utilizar o técnico em citologia para a pesquisa em massa, até o nome as meninas... era tudo mulher. Era tudo mulher, engraçado isso. Era tudo mulher. Essa primeira turma era formada só de mulher. A gente até chamava de um nome interessante. Tem que olhar lá que tá no.... era só as mulheres. Não sei se é o perfil ou não, eu sei que é muito mais na nossa turma mulheres do que outra coisa.

Luiz Antonio: Você acha que no Brasil inteiro tem muito mais citotécnicas do que citotécnicos?

Simone: É difícil saber porque a gente não conhece... na realidade a gente não conhece a realidade nem do Rio de Janeiro os citotécnicos que existe. Estava até comentando com... essa semana... tem um laboratório que estava desesperada que os técnicos tão saindo que passaram no concurso e ela teve que contratar uma que descobriu que trabalhavam com uma médica. Foi treinado com a médica e sempre... nós nunca tinha... e olha que o mundo da citologia é pequeno, nós nunca tínhamos ouvido falar na Atenis. Nunca. Eu falei gente... isso você deve ter em cada cantinho de laboratório por aí. Então agente não tem na realidade noção... é considerada cito... eu considero citotécnico porque faz a leitura da lâmina, que até esse perfil a gente tem que montar. Ela foi treinada para ver aquilo ali e só faz ali. Igual você tem outros que foram treinados... é um citotécnico? se lê a lâmina a gente vai ter que considera. Não posso simplesmente descartar. É como fazer... adequar esse povo todo é que vai ser a confusão.

Luiz Antonio: Como funciona isso hoje **Simone**? Cada laboratório que faz citologia tem um citotécnico, como você diz considerado citotécnico, e essa pessoa... ela passou por



um treinamento ou teve uma prova na...

Simone: Na maioria das vezes é só treinamento. Treina, fica ali, porque é mais cômodo a pessoa treinar.

Luiz Antonio: não há exigência aos laboratórios que ele tenha o citotécnico formado por nenhuma...

Simone: não... não tem.

Luiz Antonio: prova de proficiência na sociedade como era antigamente.

Simone: não. O próprio médico ele pode querer para respaldo dele... pedi para essa pessoa fazer a prova. Igual... teve três agora do Paraná que o médico ele treinou essas três pessoas e mandou fazer a prova porque ele que é ter um respaldo. Mas não existe... você entendeu, porque é mais fácil para ele. Ele não precisa informar que tem o citotécnico. No laboratório não é obrigado a ter citotécnico.

Luiz Antonio: não é obrigado?

Simone: não é obrigado a ser citotécnico, né! você tem... o citotécnico está muito associado a coisa em massa, né. Muito associado a... a introdução dele nas coisas que têm muitos casos, então se o cara tem poucos casos ele não tem necessidade. Se ele recebe 100 casos por semana ele não precisa ter citotécnico. Se ele quiser ter para ser respaldado... não, mas ele não é necessário, não é obrigado. O grande problema...

Luiz Antonio: ????? até 100 por semana?

Simone: não, o próprio médico pode ler. O próprio médico pode ler. Ele mesmo lei... ser só fazer isso, se for um laboratório de citopatologia, ele mesmo senta, ele mesmo lê. Então é a questão da própria...

Luiz Antonio: Simone, você me desculpe...

Simone: não, pode falar! pode falar!

Luiz Antonio: que eu sou muito no ignorante nisso, então vou perguntar coisas super base.

Simone: tem que perguntar por que eu esqueço e falo de forma pra vocês entender.

Luiz Antonio: os exames citológicos... eu vou com a minha mulher no ginecologista

dela e ela faz o exame. Esse normalmente vai para quê, pro Broster? Laboratórios desse tipo têm citotria?

Simone: tem... tem. Broster... Broster, Sergio Franco...

Luiz Antonio: e esses laboratórios trabalham com citotécnico?

Simone: trabalha com citotécnico. Cada???

Luiz Antonio: formados ou não?

Simone: formados ou não. Que não é uma coisa que é exigida. Eu não tenho essa exigência. Eu digo isso porque na própria Sérgio Franco eu entrei como estagiária depois eu fui... trabalhei mais a pouco tempo agora veio uma menina... pouco tempo que eu digo é 3, 4, 5 anos... ela veio do Espírito Santo, que ela cansou de ficar lá no serviço escravo porque lá as pessoas são um pouco pior. Se você trabalha com um cara e quiser pegar de um outro, ele te manda embora, porque você é minha propriedade e pronto. Ainda tem isso, ainda tem que passar por isso. E ela resolveu vir para cá. Ela fez a prova, né... a partir do momento que fez a prova no mundo médico... no mundo da citologia... tirar médico! Desculpa, não vou falar mais médico. Não mandou da citologia... no mundo da citologia, ah, então está apto. Ela foi trabalhar no Sérgio Franco, como já tinha saído quase todos os citotécnicos de curso, ela treinou o irmão dela e colocou o irmão dela lá dentro para trabalhar. Então por isso que eu digo que não existe... não é uma exigência assim tão grande. Igual um pelo Orkut que me encontrou lá, aí disse, ah você no... todo mundo quer saber do Rio, mas o Rio não sabe, mas tudo bem! Aí ele me perguntou... a primeira coisa que eu pergunto... você estava em laboratório... trabalhei cinco anos, fui mandado embora... e parece que a justiça deve ter andado lá e pediu ter alguma certificação, e ele não tinha o curso técnico de laboratório. Não seria o certo, mas é o que eles, né... já cobra. Aí a primeira que eu pergunto... aí foi mandada embora, porque não tinha... eu e minha irmã... porque a gente não tinha a... esse curso. Fiquei muito chateado. Primeira coisa que eu pergunto: você estudou aonde? Ah, minha irmã me ensinou. Eu falei: tua irmã estudou aonde? Ah, ela aprendeu sozinha. Aí, né... e estava há cinco anos trabalhando naquele laboratório. Então é essa a coisa que tá... já que não tem escola, não tem formação, a gente pega... aprendeu? Conseguiu ver que isso aqui? Já distinguiu? Ótimo! E fica a grande maioria assim.

Marco Porto: a trajetória da formação tem um grande campo da formação informal. Aprende com conhecido, com quem trabalhou no laboratório e tal. E tem um campo, mais restrito, formal. Seu caso por exemplo. Se fez um curso, né! Falo um pouco para a gente este campo formal, dos cursos e tal, como é que isso evoluiu? Como é que está no momento? Aonde já teve?

Simone: Olha! já sei que já no Recife, Minas tentou abrir, né! Minas mandou... a gente tem uns formulários lá, que eles tentaram abrir, até para um ex-aluno acho que em Mogi... Mogi das Cruzes... não! Mogi das Cruzes é São Paulo. Monte Claro. Isso, Monte Claro.

Marco Porto: Gosto muito!

Simone: Tentou montar... eles mandaram... fizeram... o problema é que o curso de citologia é um curso caro. Você não tem como encher uma sala com mais de trinta pessoas.

Marco Porto: Artesanal.

Simone: É muito artesanal. Então, primeira coisa que você tem que ter microscópio para cada um. Se você tem 15 ou 10 pessoas... em que têm no mínimo duas pessoas, dois profissionais ali para acompanhar no princípio. E o pior você tem que ter material. Eu não posso só passar para ele... olha bem, isso aqui é um tricomonó. É claro, e vai ver o tricomonó, mas quando chegar na rotina...

Marco Porto: Tem que ter arquivo.

Simone: então você tem que ter arquivo. Você tem que ter uma metodologia a de ensino, né, para as pessoas, por exemplo lá no Inca a gente faz muito discussões... passa casos. Ver se eles descobriram por eles mesmos. Não adianta eu ficar só mostrando... você descobre e manda rever... descobre e manda rever, e assim vai treinando. E porque? Ah, mas isso aqui se parece?! Não tem... ele mesmo vai vendo o que se parece e o que que ele tem que levar. Então, é um curso caro. Então é difícil... a gente tentou montar e não tem tanto profissional... profissional... o Inca tem a sorte que por exemplo, nós... nós 5 somos para a escola. Mas você não vai ter isso no nos outros laboratórios. O cara tem que lê essa rotina e parar para te ensinar. Na FOSP, eu estive na FOSP... eles têm os microscópios. É uma escola reconhecida pelo conselho. Eles têm duas ou três professoras, mas quem me ver a rotina são os citotécnicos, e ela faz tudo no papel. É assim... o pessoal lê... ela pega a rotina... passa para os alunos. Os alunos vai para o citotécnico. Depois ela pega os mapas... a professora fica comparando o que que o aluno dá de errado, né, e faz o mapa e vê, e passa para eles, né, é assim que é o treinamento lá. Tem uma coisa até o interessante que eu vou até tentar trazer para o Inca... se tantos posi...se tantos assim deixou passar, pede o número de casos. E lá também cobra-se o número de casos. Por isso que eu digo que é um perfil muito parecido com o perfil pioneiras. Por isso que eu perguntei quem foi que levou isso para lá. Essa coisa de... essa metodologia é uma metodologia é muito pioneiras sociais, né. Uma escola de formação pioneira.

Marco Porto: hoje basicamente existe Rio/ São Paulo?

Simone: Rio/ São Paulo. O resto é tudo muito...

Marco Porto: vocês têm a intenção de que as escolas técnicas do SUS também possam executar essa formação...

Simone: é. Eles querem oferecer.

Marco Porto: como é que seria isso?

Simone: esse que era o grande entrave que está dando nas escolas, né. O primeiro entrave é quem vai ensinar? Quem? Você não tem pessoas formadas. Não adianta o pessoal dizer o... igual a farmácia, biólogos... não adianta você... ah, eu sou biólogo posso ir lá ensinar. você tem que ter sido técnico em citologia para saber o que ensinar. Porque enfermagem... enfermeiro ensina técnica de enfermagem. Mesma área, mas é diferente. Então, a pessoa tem que ser técnico. Técnico não pode à nível médio dar aula. Então ele vai ter que ser formado em alguma coisa. Então não adianta ser formado, dependendo da especialização, se você não é... não foi um técnico de vivência. Então você encontrar esse profissional já está difícil, né. A segunda coisa, a gente está montando o currículo e, como nós somos... de nós somos uma "escola". Na realidade nós temos um treinamento em serviço organizado. Com molde de escola. E a escola tem um perfil. As escolas de formação têm um perfil e nós temos um outro perfil de formação em serviço. Que é o que a gente está tentando adequar com a Joaquim Venâncio. Que está difícil! que você já vem com seu... com a sua cultura... eles vêm com a cultura... e tentar juntar essas duas coisas... essa compatibilidade está sendo o nó, mas acho que vai dá certo a gente pegar...ah, não precisa disso tudo! Não, precisa! Formação, precisa. E a idéia do governo é jogar as escolas para o Brasil inteiro. Só que é aquilo que eu estava falando no carro... eles acham que é muito simples. Pega uma caixinha de lâmina, igual o curso de histologia... tem umas caixinhas de lâmina, se o professor fala, você pega as caixinhas de lâmina e vai olhar... aqueles desenhos ????. Não é! Eles estão achando que basta ter uma caixa de lâmina de citologia, ele está dando a matéria... o professor mostra... e não é! Essa é o... eu acho difícil que as escolas técnicas vão achar lindo e maravilhoso e realmente consigam ter o perfil para montar isso. Nós falamos, olha professor pode ter no máximo 15 alunos... Não, mas a gente tem que colocar 30. Você tem que ter no mínimo dois professores, porque um professor não vai conseguir nos primeiros. Então... vai ser lançado, agora eu quero ver se a escola vai realmente conseguir...

Marco Porto: Formação tutorial.

Simone: Muito tutorial. Muito... então, e tem que está agregado a um hospital para ele ter vivência, se não eles sai com uma idéia errônea... que ah, se ele tem tricomonos ou se ele tem cândida... a célula típica é assim. Pronto! Ai sai dando tricomonos em resto de células. O corante fica um pouco mais forte no núcleo... fica dando carcinoma. Então você tem muita influência. Não sei se essas escolas realmente não conseguiram montar ou pior, vou montar e ficar de qualquer jeito. Igual a gente tem escola aqui de seis meses só aos sábados. Especialização em citologia. Por isso não, teve o concurso público da defesa civil que pediu isso. Profissional. Então a coisa... a zona está tão grande que está a nível de concurso público. Como é que a esc... ele pede num concurso... quero um técnico de laboratório com especialização em citotécnico. Eu falei ainda tem essa agora... especializações citotécnicas de 200 e poucas horas. Para que que a defesa civil que também esse profissional! Também não me pergunte o que que o citotécnico vai fazer a defesa civil. Segurar barranco ou analisar... não sei aonde vai ser.

Marco Porto: Já existe como você antever como será o impacto na formação, nas grades curriculares dos cursos, das novas tecnologias, do HPV, da captura híbrida, isso já é trabalhado...

Simone: Já foi pensada em colocar isso sim.

Marco Porto: como é que você estima esse impacto? Isso vai causar uma transformação?

Simone: olha, eles vão acabar caindo na real que não vai adiantar treinar como nível médio. A citologia e já está muito avançada. Então se eu vou treinar... nessas novas tecnologias que eu tive de mustoquímica, ???, a pessoa tem que ter uma vivência de imunologia. Você já tem que botar umas cadeiras ali novas, né. Quem faz muito agora é o nível superior, que faz essas tecnologias. Só que ele não sabe a citologia... então quer dizer a coisa se distanciou de uma tal maneira que deu essa quebra... essa coisa de mosaico. Então... ah, vê o aparelho... qual é o problema que as pessoas têm... o citotécnico tem contra o aparelho? Tudo é a conforme você fala. Primeira coisa que surgiu aos aparelhos... ah, você vai perder seu emprego, por que eu tenho as máquinas e não preciso mais de você. Então você já cria uma ... e não é essa realidade. É passada uma realidade que não é. Não é isso! Eles trabalham como aquele aparelho. Eles têm que trabalhar com aquele aparelho. Porque? Como só fica na leitura não vê a vivência da tecnologia que ele também está envolvido. Então você tem... eu tenho reticências. Eu já comecei com reticências. Antes até de Brasília, conversando com meu vice-presidente, por isso que de vez em quando é bom ele está lá é Fortaleza porque senão eu já tinha enforcado ele. Porque eh... mais aí... porque você colocou ele? Simplesmente porque eu preciso ter o nordeste. Infelizmente nós temos padrões diferenciados de citotécnico... Norte, Nordeste e Sul. É gritante a diferenciação, não só

pela área cultural, pela formação e pela própria formação médica. Porque no Sul você tem muito patologista. Lá você tem muita ginecologista que fez se especializando... isso já é uma camisa diferenciado. E quem é patologista não tem saco para ler cito. Não tem paciência e não são treinados direito para isso. A pessoa tem que gostar. Que então aí já são tratadas de uma maneira assim, tipo... ah, você "coco do bandido", né. Só faz rastreamento! Só está separando uma coisa da outra. Quer dizer, isso é uma coisa que vão falando e isso vai minando a sua cabeça, né. Ele fala assim: ah, porque nós fomos criados por eles. Eu falei: criatura quem cria é Deus, eles foram o que... treinados. Não por que... e eu não consigo enfiar isso na cabeça daquela criatura. Quando eu falei com ele que nós íamos para Brasília e que ia entrar citologia não ginecológica... nossa! Só faltou ter um infarto. Mais nós não fazemos isso! Como você vai fazer, a gente não lê isso! Eu falei: o criatura, não interessa que a gente não lê, vai na formação. Ele não entende que a formação tem que ser completa. E quando eu entrei na Unirio a primeira coisa que me jogaram na cara é: ue você... voc não é do Inca? Como é que eu vou dizer que o Inca não me treinou para isso. Mas lá eu tenho que lê citologia não ginecológica.

Luiz Antonio: Não é assim... é... na verdade a minha pergunta é pra trás.

Simone: Não tem problema.

Luiz Antonio: Na história. Pelo que eu estou entendendo na sua fala você está falando que existe uma proposta de formação de citotécnicos muito completa, assim, onde tem que aprender muitas coisas, ser um bom profissional. Está falando que no futuro isso tende até a ser uma coisa de nível superior.

Simone: É tecnológico. Não precisa ser...

Luiz Antonio: Por outro lado você também está falando que existe um mercado onde pessoas aprendem com a irmã, não tem nem o curso de laboratório. Nesse período todo que você está nesse... nesse trabalho, você não viu... não existem outras propostas de formação mais simplificada ou brigas entre propostas diferentes para formação de citotécnico que possa ampliar o número de formados de uma forma mais agil? Não existe... não existiram outras pessoas propondo formação... formas de formação diferentes não?

Simone: Não tem como ter uma forma diferenciada pra citologia.

Luiz Antonio: Ter como ter, tem! Você me falou ainda pouco que existe uma faculdade que tem um tratamento ???

Simone: Não. Não é treina... é um curso que... mas é aquilo que eu te falei, que

formação é essa? Que profissional é esse? Por quê aí tem... aí vai entrar a pessoa, né. Por que por exemplo, na Cruz Vermelha você vai confundir... por que em Nova Iguaçu eles montaram um curso, e aí me convidaram para ir lá. Primeiro dia de aula eu falei que aquilo não dava. Metade da turma saiu. Pensei até que eles fossem me mandar embora. Na metade a turma saiu. Mas ficaram, ficaram 4 até sair, ficou outra pessoa. Desse grupo tem uma menina... que aí depende da pessoa... ela insistiu. Ela pegou um microscópio debaixo do braço e foi correr atrás das coisas... ela está sempre correndo atrás. Ela é um diferencial... a parte. Mas o resto, né. E você não tem como... por exemplo, ah você sabe ler um pouquinho disso? Ótimo! Mas, não existe um controle de controle de qualidade... pra você verificar. Você pode ler anos e anos e ninguém nunca perceber que você leu errado. E tem certas citologias... e certas lesões que voltam. Ou a pessoa só vai descobrir muito mais tarde. Não vai saber que naquela época já tinha. Por que aquilo que eu li ninguém mais lê. E ainda tem a maioria dos laboratórios que lavam a lamina para aproveitar. Que agora é obrigado a ficar, mas ... então você não sabe... você não tem controle de qualidade pra fiscalizar se essa pessoa está boa ou não. Eu tenho um aluno que fez um curso de... um curso que a gente fez só para mostrar as células de mama... o garoto é muito bom. Se ele pudesse fazer o curso... é um excelente citotécnico. Você percebe isso, né, nas pessoas. É um excelente. Aquele curso pra ele... era pessoa capaz, mas não quer dizer ... se é um dentro de um grupo. Eu não posso ter um dentro de um grupo. Eu tenho que ter uma metodologia para treinar todos. Então fazer em menos tempo ou mais tempo... nosso grande problema é acuidade visual. É você olhar aquilo ali e saber... e não ficar dando câncer na pessoa. Saber que uma cãndida causa aquilo. Procurar... saber procurar onde olhar e onde ver. Isso leva tempo, treinamento e orientação, né! Essas propostas.. e o governo que uma coisa muito rápida. Análise clínicas pode ser rápido, você aperta botão. Ema... é... leitura de sangue eu tenho que contar 100 células. Mas fazer a triagem daquele material nós temos que olhar todos que às vezes só tem uma célula atípica naquelas 450.000 células que eu tenho ali. Então, tem um perfil também da pessoa. Eu tive uma aluna que ela... ela... ela terminava rápido. A gente estava começando... e eu falei: mas, éh, já acabou? Ah é, tem cãndida... eu sei que tem cãndida. Ela só ia até a metade da lamina. Gente, você pode ter célula atípica fora da... do... você tem a lamina, tem uma lamina em cima e por fora você ter célula atípica. Como eu já vi, no miolo todo não ter nada. E pra ela, eu já vi cãndida, então a lamina é cãndida. Não é assim! Você tem toda uma “anuancia” e mesmo assim as vezes ainda deixa passar um pouco, né. Então é complicado. E essa coisa toda grande que eles pensam... eu falo para eles o seguinte, lá em Brasília, isso que vocês então propondo vocês não estão propondo coisa nova, isso já existia nas pioneiras. Esse era o modelo das pioneiras. Ela tinha cidometria de fluxo. Tinha um pouquinho para saber seu bloco de corte. Tinha citologia não ginecolo... tinha ... era 1 ano, né, abrangendo a citologia, se eu não me engano, ginecológica. O grande forte... que você pre... e a que dá mais diferenciação na avaliação. E no outro ano citologia não ginecológica. O que você ... o que vocês estão propondo era o que as pioneiras já faziam.

Luiz Antonio: Isso que vocês estão propondo era o quê?

Simone: Ah, o Ministério, né. O Ministério... CGLU. CEJET está querendo propor ... ah, tem que ter isso, não quero só aquilo... mas, eles estão propondo erradamente. Por que eles querem tudo, mas eles querem, ah, ler hanseníase, ler bar, é isso que está cabeça deles. Eu vi que era, mas aproveita aí e bota tudo a gente que mediar igual aos outros. Que até nisso é uma maneira torta de se voltar o que se era antes, né. Então...

Letícia: não entendi! As coisas se tornaram mais amplas?

Simone: Éh, por que são coisa que não é do citotécnico. Por que eles querem pegar o citotécnico, largar ele no meio do mato e tudo que precisar de laboratório ele fazer. É isso que eles querem, né!

Luiz Antonio: O que são os eles?

Simone: Ah, desculpa! É o CEJET. É que eu falo eles é o CEJET, é o Ministério. Eles querem éh, como se diz... fazer... eles querem ah... os locais que não tem esse profissional, né. Existe um déficit desses profissionais. Primeiro que não são registrados, e a gente não sabe realmente qual é o déficit que existe. E as pessoas quando pegam... é, algum... como se dizer... você melhora um pouquinho, você quer sair para um outro lugar. Você não que mais viver naquele lugar pobre, onde está ???, então você tem uma evasão total. Eles querem treinar pessoas dos locais conforme as regiões. Só que eles querem assim, um técnico que faça tudo. Ele que quê eu seja uma técnica que saiba ler sangue, que saiba ler urina, além de fazer citologia, para suprir ali. Só que você quem entra... o cara pode até ser tudo, mas tem que fazer os cursos separadamente. Que são... isso que eles não querem. Eles querem a coisa rápida. E não é rápido. A citologia é artesanal. Por mais que tenha máquina ela é artesanal. Você tem que sempre ter o olho ali para interpretar aquilo ali, né! Não tem como fugir disso. Por mais que eles queiram, não tem como fugir.

Marco Porto: Simone, fala um pouquinho como é que você vê o controle... o câncer do dolo do útero no Brasil? As campanhas do passado? O programa Viva Mulher? A situação hoje? Fala um pouquinho como você vê os resultados eu se tem, que são um pouco decepcionantes, em relação ao que se sabe? E a toda mobilização, né? E dentro disso a participação do citotécnico?

Simone: Eu acho que eles deixam muito o citotécnico com a parte politicamente, né! Você vê esses rastreamentos... o exemplo, saiu o Viva Mulher... eu pensei que o rastreamento... eu jurava... eu tinha idéia... ah quando falava assim campanha Viva Mulher, que faz abrangência, eu pensei que fosse tudo. Mas não, para eles eram, fez a

colheita... já está dentro do programa. Pra mim era colheita e a pessoa ter pego o resultado e ter feito análise. Mas não é. Não, não é. Então eu falei, então é falho. Por que você... eu vejo pelas pacientes. Elas vão... é igual assim... a mulher viu feira... vai ter campanha! Vai todo mundo pra fila, né! Não é? Campanha! Vai... não quer nem saber se já colhei de novo. É campanha... e vai aquela mulherada tudo. Então você chama... coisa... a pessoa vai... mas não tem o seguimento. Aí vem esses laboratórios, igual quando eu fiz o curso de especialização... por isso que eu posso falar mal de todos eles, por que eu passei em todos. O curso de especialização não é... pra mim especializar é o que você já sabe. Mas na realidade as pessoas vêm sem saber e pega aquele tipo de especialização. Então você fica horrorizada. Primeiro dia de aula o professor vira e fala da campanha, né! Ao invés de falar de prof... dá... de fazer ligação do ser humano, né! Que aquilo ali não. Ah, eu em 1 mês de campanha consegui comprar minha casa lá em Teresópolis. Eu fiquei assim... eu falei: não estou acreditando que ele está abrindo a boca pra falar isso! Que todo mundo que e você, o que quê virou? Olha, citologia é bom por que eu ganho muito dinheiro. Eu falei: como é... quantas laminas esse homem leu em 1 mês para comprar a casa dele? Como ele leu isso? Por que chega o laboratório, fala assim, ah você tem direito 2.000 casos. Ele pega os 2.000 casos, mas não existe um trabalho para dizer, de controle de qualidade... quem está lendo... você está lendo esses 2.000 casos sozinho? Éh... nos Estados Unidos tem. Você só pode... o citotécnico tem até 100... não pode ler mais que aqueles casos. Então, se você tem um laboratório com 2 citotécnicos, você só pode ter por dia 200 casos. Se você tem mais... alguém está lendo alguma coisa. Alguém está fazendo. Então, não existe esse controle. Tem tanto caro em laboratório que faz 300, 400, você não sabe o que... como está sendo lido aquilo.

Marco Porto: Não sabe por que não quê, né? No SISCOLO você pode acompanhar isso.

Simone: É, mas não existe nenhuma lei determinando quantos você pode ler ... qual é... não tem isso. Então o cara pega a vontade, que a maioria já até trabalha até num laboratório... já trabalhei em tanto lugar, por isso que... no particular que o caro... olha só, não pode dar negativo, classe I que a medica não credita. Aí eu fique assim... ela não acredita... eu vou fazer o quê? Vou inventar uma inflamação pra... né, ele era o responsável técnico, que era farmacêutico, mas quem lia era eu. Eu não sabia nada. Eu tenho uma colega bióloga... ah, eu fui no laboratório e me pediram para assinar eu assino. Mais aqui, ?????, entendeu? Então, a coisa é desse jeito.

Letícia: Mas a bióloga pode assinar?

Simone: Pode, aqui no Rio de Janeiro pode tudo. Rio de Janeiro pode tudo.

Letícia: Mas...mas, o patologista não pode.

Simone: Menina você está atrasada... a confusão já está... tu não tem noção!

Letícia: Você já viu o ato médico?

Simone: Mas não passou.

Letícia: Não passou?

Simone: Eles... não passou. A farmácia... ??? a farmácia só pegou a medicina. Pra farmácia é... né? Aproveitou o engajamento... ah, se o citotécnico que não tem formação, libera o exame, e o médico lê e vê, eu posso fazer e ainda posso assinar.

Letícia: Então tem laboratórios aqui no Rio que são...

Simone: A grande maioria o responsável técnico e os farmacêuticos, nem todos... e mesmo assim não tem muita gente da área. É tipo assim... não existem muitos médicos. No Pará não existe citopatologista, então você vai ter que usar o fun... daí que você aquela... então o quê acontece? Esse cara ele não entendia nada, então ela ia lá... Eu falei: você é louca, você assina e não sabe o que é? Essa é a grande preocupação. Ah, tem uma especialização não sei quantas horas, você está apto a assinar. E o governo acha que realmente... mas a formação, eu não tenho nada contra quem quiser assinar qualquer coisa, mas é a formação. Então aí... eu dou aula num curso de pós-graduação, que eu falei: pois é, o citotécnico tem 1900 horas e vocês tem 500. Mas vocês assinar por causa disso, o processo é seu mesmo, então... fica aí, mas... essa... isso é a problemática da citologia. Por isso que eu digo que eles não conhecem citologia. Mas nos Estados Unidos teve um problema... que foi processado, teve um processo lá grande, um movimento, então além de fazer o curso tem que fazer uma prova. Tem uma meto... tem uma coisa diferente por um problema que ocorreu lá. Aqui essa coisa de pessoal. Você nunca vai saber quem vai saber quem vai ler aquela lamina de novo. Como é que vai saber se tinha alguma coisa ou não ali. Se é influencia ou se pessoa for morrer depois. Ela pode morrer atropelada antes, de assalto, terremoto. Aí você não vai saber mesmo, né? Não existe.

Paula: Sim, mas você falou que você acha que o citotécnico são deixados a par, tipo, se a situação for seguinte...

Simone: Aí foi retornando ao que ele falou... falou, então por exemplo essas campanha... eu acho que se você não tem um... primeiro, um controle de qualidade pra saber se aqueles laminas estão sendo bem limpas? Como é que aquele material está indo. E não acompanha o seguimento daquela paciente, né! Por que estar no posto de saúde quando eu trabalhei... que achava engraçado porque todo sábado... toda vez que eu... eu trabalhei todo... dentro como administração eu trabalhei em

tudo. Como sempre. Eu já fui da recepção, fui da farmácia, era de tudo. E eu sempre vi os mesmos paciente. E eu falei: não é possível que todo sábado, todo mês essas pacientes estão aqui. Você não muda os pacientes. Os que colem citologia são sempre os mesmos. Você tem sempre aquele que não cole. Eu acho que é isso que tem que acompanhar e fazer uma coisa cultural e aí... cole, e aí nunca tá pronto. Aí eu digo pelo trabalho... não do meu primo pobre, que eu falo que tenho um pobre. Tem um rico é o INCA, tem um pobre... lá tem um problema assim... sério. A médica não aparecia, para assinar os exames do IP. E ficava 6, 7 meses. Então não tem... entendeu, você tem o bloco que funciona na hora, tem o aga. Então o paciente vai lá buscar, vai e volta, até tudo... até que desiste, né! Ai chega o próprio... que é uma equipe, chega o próprio ginecologista... eh, isso aqui está errado... do laboratório, mas o que quê é isso? Eu estou com uma médica agora que não consegue entender por que quê tem que colher uma lamina só, por que ela acha que uma só é pouco. O ginecologista. Para que a campanha dê certo tem que pegar o ginecologista ou a enfermeira que cole, né! Vai ter que ser uma coisa de equipe mesmo. Pra ter respaldo. Por que o médico, ah eu não acredito nesse seu laudo? Isso aqui é verdade? Mas, não sei o quê... então, se o próprio ginecologista não acredita na citologia que ele mesmo conhece, chega pro... então você vai... ultimamente não escrevia á lápis na coisa por que há eu não tenho lápis. É falta totalmente de olhar aqui. Não identificava a parte por que não tinha lápis. Então ele não identificava. Aí colhia e depois botou dentro do formol. Então você vê, eu tenho uma medica lá que ah eu estou fazendo pesquisa... aperta a mama das mulheres... eu falei; Meu deus do céu. Aperta, aperta e lógico que vai saí... saí. Eu falei assim: mas a senhora não tem noção nenhuma da paster que você tem? Como preencher a folha? Quais informações importante? Então você... o déficit é desde a formação de todos da equipe. Que farmacêutico... farmacêutico não, é enfermeiro que não cole direto ,e ele cisma por que eu colho, que eu colho, mas eu falei não veio material. Ah, não que você não vê! Tem uma medica que ela todos os exames dela ela colocava é leucorreia... leucorreia. Tudo que ela via era leucorreia. E as mulheres podem ser diferentes, mas se você não tem nada teoricamente você vai ter no seu epterio, só para você entender, aquele igual. Do derlai, superficialio e intermediário, um exemplo. Se a paciente não tem nenhuma lesão, não tem nada, é isso que você vai ver normalmente. E ela só botava leucorreia, leucorreia. E foi reclamar que todos os nosso laudos eram iguais. Mas eu falei o eptelio é igual pra todo mundo. Ela... eu falei assim, eu sou um pouco desafortada, ela colocava leucorreia em todo mundo, ela vai ouvir a mesma coisa, ela não acha! Aí antigamente se fazia muitos laudos, até... agora não, você... ficou muito mecânico. Eu falei: esse laudos são construídos para que outro citopatologista veja, não para um ginecologista. Ela nunca vai entender nada do que você está descrevendo aqui. E que ele só que ver a conclusão, né! Ele não consegue entender por que essas coisas, por causa da subjetividade, né! Então é confuso. Eu acho que se não colocar todos os profissionais envolvidos e não ficarem com essa historio... por exemplo, vai ter uma... um evento aqui da Darau... de rastreamento. Eu descobri por acaso, até pedi para ir, né! Acho que eu vou consegui. Eles estão fazendo

todo um trabalho... se você não colocar o técnico ali dentro... por que o médico que está lá ele não lembra de falar com o técnico. E o técnico ele faz a separação sim, quem não vê! Não vai. A paciente não entra no programa se você não disser que não tem nada. Se não disser, olha tá com problema essa aqui de coloração. O pessoal acha que coloração é receita de bolo. E aí... cada uma lamina que o pessoal leva lá. Eu falei: como é que você está dando laudo nisso aqui? Aí eu já reclamo logo, né! Como você está conseguindo ver? Não, é por que... então você não vê a qualidade, como está a lamina, qualidade da coleta, o que quê ele está liberando. Então é um... ou o técnico está envolvido por que ele realmente tem a noção de tudo que está ocorrendo. Se eles não lembrarem disso vai... você vai ter um médico lá de ponta que não está ali, né. Que um citecnico que está na massa. Ele pode dizer, olha tá errado isso e aquilo. Teve uns alunos, o bom de alunos que vem de fora que se vem ????. Eles trabalhavam... eles botam para trabalhar... eles faziam acho que a separação do material. Aí então pessoal... ah, eu vi lá os laudos completando professora, eu completava os dados. Por que mesmo, a maioria não preenche os dados ali do... ah tava faltando tinha que passa, eu completava. Você sabia a influencia que isso dá? Ele não tem noção. Qual é o outro? Teve um caso que aconteceu no Rio, não é só lá fora não. Foi até uma conhecida nossa. Ela trabalhava no laboratório e levou a citologia dela. Três laminas. Quando chegou para ela ler só tinha duas. Ela foi perguntar, mas eu trouxe três! Ah, o medico disse que já tinha duas, já era suficiente. Jogou a outra fora. Então você vê os detalhes. A complexidade. Parece piada, mas é a coisa bem ... não são coisas que... isso aconteceu aqui no Rio, num laboratório, mais ou menos, não tão grande, aqui no Rio. Lá fora a menina pega e fala assim, há eu preenchi ela estava faltando, tinha que mandar, eu completava. Então qual é realmente a resposta que o SISCOLO tem para aquele preenchimento? Eu fui a Minas pra ver um... gente sou rodada, né? Eu fui a Minas para ver não sei o que quê me chamaram. E essas coisas caem na minha mão, que é pior. Isso é que... caí tudo na minha mão. O cara queria aprender citologia, eu falei oh, citologia não se aprende assim. Você não consegue convencer. Eles acham que eu estou... ah eu não vou roubar teu emprego! Eu falei assim: meu emprego você não rouba, porque se eu não tiver esse eu arranjo outro. Não tem problema. Aí eu peguei né, sou curiosa, assim os laudos da técnica. Eu falei: ela não assina não? O médico não que ela assine, só para preencher. Eu falei: mas isso aqui, esse quadradinho aqui... por que quê ela preenche todas as pacientes tem metaplasia imatura? Por que a gente tem metaplasia. Pode ser madura ou imatura. Geralmente agora no SISCOLO colocam imatura por que está muito associado a lesão. Pra chamar atenção. Só que eles mudaram o sistema... que antes era metaplasia... mas não foi passado para nenhum citotécnico, nem mostrado para ele... se ele sabe ver o que quê é metaplasia imatura. O outro erro. Muda-se a coisa, mas não se fez o treinamento com o técnico. Então eu marcava as duas coisas. Eu falei caramba, aqui em Minas 100% das mulheres tem metaplasia imatura. Por que ela marcava tudo. Eu falei: quem faz o treinamento ninguém disse para ela? Tudo bem, o senhor vai lá pega o que ela marcou e preenche como se ele tivesse feito. Como responsável. Por isso que é

invisível o técnico. Então, não vai ter nada... se continuar assim, se não sabe o que as pessoas estão preenchendo. Você não sabe o que as pessoas estão colocando ou o que elas deixaram de colocar. Então, como é que vai fazer isso?

Luiz Antonio: Simone, eu vou te pedir para dar uma interrupçãozinha, uma pausa?

Simone: Ah tá. Eu falo demais, né, já falei!!

Luiz Antonio: Não. Não é por isso não.

PAUSA

Simone: É por que você tem a for... a metaplasia é a transformação de epitélio. Você tem o carcinoma... ??? que é um epitélio estratificado dentro do epitélio glandular.

Letícia: Já tem alguma mudança ali, né?

Simone: A metaplasia é o que? Você tem, por exemplo, um epitélio que antes era recoberto por glândulas, né! Só que fica exposto, então ele cai. Então ele ... pra parte ficar protegida... ele faz varias tentativas e uma delas é transformar onde no local existia glandular passar a existir estratificada.

Letícia: Estratificada é?

Simone: é o tecido. Eu estou falando de epitélio. Epitélio glandular ou estratificada, que tem varias camadas. Então numa área onde era tecido glandular, é um tecido de uma única camada, então torna aquela parte frágil, pode ser substituído por um epitélio que tenha mais camadas. Então, durante essa transformação é chamado de metaplasia. E essa metaplasia é onde pode ocorrer o mais índice, que lançou células jovens, de locais onde metaplasia imatura originar células de ???

Marco Porto: Seria um sinal amarelo?

Simone: Né.

Letícia: Entendi.

Simone: Então você tem...

Marco Porto: Um alerta.

Simone: Então... com os estudos antigamente no CISCOLO...

Letícia: Isso é uma coisa nova? Uma coisa... por que quê não foi passado?

Simone: Não é tão nova. Não.

Marco Porto: É um critério novo.

Simone: Não. É um critério novo, por que tudo na citologia para que... a gente pensa que estagnou, mas não, tem sempre coisas novas surgindo.

Marco Porto: O sistema de informação incorporou essa... essa nuance. Essa possibilidade de ao invés de falar preto ou branco, falar oh, cinza. Fica de olho.

Letícia: E aí no exame da mulher isso já aparece agora então?

Simone: É tem... só se a gente marcar. Mas tem o nosso papel ... formulário tem.

Marco Porto: Na planilha tem a possibilidade. Só se você não marcar.

Simone: Só que se você não treinou o citotécnico, né... para ele... por que o que a gente já estava acostumado... só marcar metaplasia. Não tinha essa diferenciação. Quando mudou muita gente custou a entender que não precisaria marcar em baixo. Só marcar em cima. Então tem gente que marca os dois. Tem gente que marca em todos. E as vezes não é a realidade do que tem ali. Então isso eu acho que você está mandando uma noticia errada que cai no programa. Foi tentado fazer uma... no primeiro, uma... um curso de atualização. Que vê? Era um desespero. A gente estava naquela salinha com uma turma e vinha... uma semana... e ficava uma semana de gente lá pra fazer a atualização.

Letícia: Lá no Citec?

Simone: Lá no Citec, na Rua do Resende que era uma salinha pequena. Aí a gente fez tipo um manual, livro, essas coisas todas. Vinha quase tudo, menos citotécnico. Curso de atualização no INCA... vinha farmacêutico, vinha... o citotécnico mesmo nunca sabia do que estava acontecendo. Vem muito pouco. Teve uma que o município teve a capacidade... por isso que eu digo que o município, prefeitura e político é doido. Teve uma que chegou, ficou olhando para a nossa cara... o município viu, ah, curso de atualização em citologia... mandou a pobrezinha da bióloga, que nem citologia fazia na vida, nunca tinha ouvido ... ficou a menina olhando para aqueles negócios sem entender nada. Pra você ver, mandaram ela para o curso de atualização pra fazer isso. E tinha... teve um grupo que veio lá do Norte, Nordeste, tudo farmacêutico... ficou lá de olha assim. “Mas tem muito farmacêutico”... assim mesmo... “tem muito

farmacêutico”... e as ???? tendo que dar aula pra ela... “e tem muito farmacêutico que sabe muito mais do que muito medico”. Eu assim na sala estava, na sala fiquei. “Como é que você deixa eles te tratar desse jeito ? que você não sei o que”. Eu falei, aqui eu sou contratada como técnica. Mandou até uns bombons de cupuaçu, nem sei se está ???, mas tudo bem! Mas cheio de marra, né! O problema é que eles estão vindo cheio de marra. Estão nem aí... mas muito... e só tinha isso, tudo farmacêutico, médico, citotécnico não tinha. Eles não couberam. A maioria não soube desse curso.

Marco Porto: Na estruturação, na execução, na correção de rumo das políticas, quem falam são os atores coletivos. Então, os gestores, os laboratórios, os... e é isso que eu queria te perguntar a seguir... há, não tem nem 1 ano, que está se organizando esse ator coletivo da... da... da citotecnologia que é a ANACITO. Então eu queria te perguntar o seguinte, já houve alguma tentativa no passado? Como é que ela surgiu? Não tem nem um ano ainda. Como é que está caminhando? Na pratica, o que quê é a ANACITO? Conta um pouquinho pra gente.

Simone: Olha eu vou te dizer. Associações já surgiram. ANACITO não é a primeira. Na época estava a Elisa. Escuto falar muito da Elisa. Fundou a associação... o citotécnico estão muito assim, dentro da Sociedade Brasileira de Citopatologia na época. Se afastou agora, por culpa do medico mesmo. Se afastou agora... ou eles estão ??? nesse ou o negocio vai ficar feio, né! Então, ela montou a associação numa reunião dentro da Sociedade Brasileira de Citopatologia. Que a Elisa, por isso que eu digo que não pode ser uma visão...

Luiz Antonio: Quando foi?

Simone; Aí, não me pergunta data. Eu sou terrível, pra datas. Mas, foi na época que em São Paulo tinha... era Pinote... Pinote... era Pinote?!! Foi na época que ela fez... fizeram até o negocio de regulamentação, que ele, que passaram pra ele, pra passar pro... por isso que eu digo isso tudo que esta acontecendo agora já ocorreu. A gente tem que aprender com os erros do passado para não...

Letícia: Qual é o sobrenome dela? Elisa...

Simone: Elisa de Castro Silveira.

Marco Porto: a **Paula** tem a referencia do nome.

Simone: Ela tem... ela é de Campinas... do ??? de Campinas. Ela foi fazer... ela queria estar como nível superior por que ela foi fazer a prova lá nos Estados Unidos. Eles confundiram com outra coisa. Ela entrou aqui, então ?? não sei de que lá. Então ela era da Academia Internacional também. E corria atrás. Ela só parou agora por que acabou

se aposentando. Ganhou na loteria, olha só, dizem que citotécnico não tem sorte!! Ganhou na loteria, agora só que saber de viajar. Mora lá no Recife. E teve toda essa movimentação. Quando se fala na associação o pessoal fala muito da Elisa. O que é ruim, porque é aquilo que eu falei, não pode ficar na cipsimune . Se não a coisa morre. Então já teve essa construção... eles fizeram... teve a associação do Rio de Janeiro. Tem uma associação no Ceará. Ela pegou... fez todo o documento. Pedido para o presidente para regulamentar a profissão. Ninguém sabe onde foi parar esse papel . Montaram tudo e colocaram na mão... aí chega em Brasília o pessoal põe a culpa no Nisiardo. Sei que a coisa não foi. Nisiardo. Nisiardo é um médico adorável, o pessoal adora ele, né! Tem assim um vozeirão. Eu sempre que o vejo eu abraço e beijo, mas é uma figura. É uma figura. Ele é um dos arques inimigos... que o pessoal odeia ele por que ele tem uma idéias assim um pouco... “retograta”. Aí, o que quê aconteceu... a coisa parou. Aí por um acaso um aluno meu fazendo uma pesquisa descobriu que chegou a tramitar por lá a lei de regulamentação do citotécnico. Mas, é assim, passou de mesa em mesa, ninguém fez nada, foi arquivado. Ninguém sabe que projeto de lei é esse, que andou surgindo. Então chegou até uma coisa, mas simplesmente... é aquilo que eu digo, some misteriosamente. Acaba???

Marco Porto: Mas essa tramitação foi em que época? Eu acho que naquela aula eu acho que eu coloquei essa... eu anotei, no anotei?

Paula: em 89.

Simone: é em 89 que eu anotei? É por que eu não guardo... tem o parecer mais é... eu estou falando um de lei de regulamentação do próprio... da profissão. Aí tem o tramite que foi engavetado.

Paula: é, eu acho que começa com o de 89, pelo que está lá. Pelo que você colocou eu acho que é isso.

Simone: é. Aí ele vai para uma mesa, eu passo para outra mesa, entro numa mesa, vai numa mesa e foi arquivado. Está arquivado lá. Então já chega ... aí teve uma outra que eu descobri na internet uma tal de ABRACITO – Associação Brasileira de Citotecnologia. Perguntei a todo mundo. Ninguém sabe. Nunca tinha ouvido falar. Tinha até uma pagina. Numa jornada por um acaso eu descobri. Foi um pessoal de Minas. Eu falei, mas meninos eu procurei vocês desesperadamente. Onde é que vocês estavam? Ah, nós... aí por que quê não seguiram... porque ... porque é aquelas pessoas que são formadas em serviço. Quer dizer... a definição quando você faz da associação... definir aquele profissional. Você tem informações diferenciadas. Até falta de informação. Tanto que a associação não é de citotécnico... associação do citotecnologista. É associação de citotecnologia. Peguei a área. Por isso que tem que pegar a área. Então, há uma tentativa, o pessoal começa e para. Isso é uma situação tão louca lá fora...

existe a vontade mas more, que ele simplesmente para. E eles estão vendo os problemas que estão dando em imposto de renda, porque ele não tira. Eles não enceram oficialmente. Então quando você vai fazer alguma coisa o teu nome está lá. Aí teve uma do Rio de Janeiro que estava com esse problema. Então, as pessoas pensam, mas você tem que ter um raciocínio mais amplo de todas as áreas. Tem que pegar legalidade, de como vai fazer. Então teve um impacto. Ah, vamos então criar uma nova. Eu queria reativar aquelas. E a ANACITO acabou tomando mais força por causa do projeto citotécnico. Que nos tentamos... em dezembro, eu não lembro... eu, Fátima, ????. o trio macabro. Depois que a gente... o trio macabro ????. Precisa disso, precisa daquilo, o que quê precisa para regulamentar? Por que qual é a preocupação. Como é que o INCA forma um profissional que não existe e não é uma escola de fato. Como? Por que eles ligam pra lá... olha, estão perguntando a carga horária! Qual é a carga horária do citotécnico? Qual é o piso salarial? Eu falei: não sei. Ninguém sabe. Então, é uma falha muito grande. Você tem profissional dessa de ponta e uma Instituição de renome dentro da campanha de vaci... e forma profissional nessas condições. Que a solidariedade fica a deus dará. Que o INCA não tem ????. Então o projeto surgiu daí... da minha cidade. Tem a cidade que não tem a associação. Então tá. Então vamos montar a associação. Mas você teve...

Luiz Antonio: então a sua associação é decorrência um pouco da demanda do projeto?

Simone: é, do projeto. Eu já tinha uma intenção, mas aquela coisa, procura pra lá, vê pra cá, vamos montar mas eu não entendia nada... ajuda né. Ô, preciso disso, ????. Então vamos aproveitar que vai ter jornada e vamos montar. Foi um incentivo maior. A intenção eu tinha, mas tinha um incentivo... tive um incentivo maior. Nós fizemos a reunião. Não esperava de tanto que a gente ficou correndo lá no fundo... por que se todo mundo fosse lá querer participar... mas é assim, eles querem participar daquele coisa do momento, mas acaba todo mundo entrando na sua rotina e a coisa apaga ????. Então teve impacto primeiro que... primeiro evento... e o evento foi idéia minha também, por que você vai a todos os eventos... você não vê o evento para o citotécnico... para, né, eu estou dizendo os eventos de citotecnologia, e eu queria trazer as pessoas de fora para que as pessoas vissem que existem outras... existe uma possibilidade, e as pessoas pararam... até hoje acham que esse ??? está bom. A profissão está em movimento e eles não tem noção disso. A profissão está em movimento. Então trazer de fora para eles verem... olha, tem técnica, olha como vai, como é... essa foi a intenção de trazer. Aí se montou... a reitora lá ofereceu, para o meu desespero, que ela não podia ter feito, por que eu sei que o serviço público não pode. Então, me travou toda. Todo mundo contente, ele ficou toda empolgada, né. Eu falei, aí meu deus! Espero que ela não veja essas imagens. Mas ela ficou empolgada.

Marco Porto: Mas ela ofereceu o quê?

Simone: Ela ofereceu a UNIRIO como sede da... e todo mundo achou... ficou feliz da vida.

Paula: É, eu vi que é a sede é na Mariz e Barros, na Tijuca.

Simone: É o hospital que eu trabalho. Extra oficialmente, por que não pode. É serviço público. Não posso fazer isso. Não pude registrar o negocio, por que eu não posso colocar aí. Eu não posso! Eu não posso! Eu não podia falar isso pra ela por que ela é Simone você aceita? Eu ia dizer pra minha reitora que ela está louca te fazer aquilo. Eu não podia. Eu falei, tá! Aí todo mundo, aí que bom, e eu assim desesperada, eu falei, estou ferrada.

Paula: Agora deixa eu entender uma coisa Simone. A idéia de criação da Anacito então foi um pouco antes da jornada ou...

Simone: Foi um pouco antes.

Paula: Em conjunto com a preparação da jornada...

Simone: Em conjunto. Já havia essa necessidade... gente eu já estava tentando reativar a associação do Rio de Janeiro, que tem uma associação do Rio de Janeiro. Aí, o do Ceara me descobriu... que é esse meu vice...

Luiz Antonio: Já existiam associações locais, é isso?

Simone: Já existiam associações... eu nem sabia que existia. Então, a do Ceara ela existe por que ele mantém sozinho. Ele é o presidente esses anos todos.

Marco Porto: Algumas estão ativas?

Simone: Ativa por que ele paga todo mês é tá ativa. A do Rio de Janeiro...

Letícia: Quem é ele?

Simone: É o Raimundo... Francisco Raimundo.

Marco Porto: É o seu vice, não?

Simone: É o meu vice. É o meu vice. É o que eu quero apertar o pescoço dele. Mas, ele sabe disso que a gente... agora eu comprei um TIM por que ficar brigando de lá pra cá no telefone... minha conta não estava agüentando. Mas, a gente tem uns arranca-rabos assim... não... até é tranqüilo. Por que o que quê aconteceu? Lá, como diz a

Vania ?????, “encarvernação” total. Então, ele não tem a visão ampla do que eu aqui do Rio de Janeiro comecei a correr do que pode, né? Então pra ele está tudo bem. É funcionário público, é citologia ginecológica e acha que citologia é só isso. E o que eu tento matar ele, e que depois disso tudo, depois das visitas em Brasília, ele vira pra mim e diz: Ah, você acha que vai mudar alguma coisa? Eu falei: a tua sorte é que você está em Fortaleza. Eu falei: o criatura o que quê a gente ficou fazendo em Brasília? Ah, ele não mudar nada não, Simone. Não se iluda. Eu falei: se eu não posso me iludir eu não estava aqui. Eu não estou me iludindo não, meu filho. Então, pra você ver, dentro da própria associação você tem, né, uma... é por isso que eu sou ditadora as vezes. Eu tenho umas coisas que... então, as pessoas... é aquilo que eu falei, surgiu a associação... falei com o pessoal, falei ô, tem que pagar tudo... eu não vou bancar do meu bolsa. Neginho reclamou. Falou em botar dinheiro no bolso já sobe três ou cinco... cinquenta, né. Não... por que eles estavam empolgados, por que estavam dentro do INCA, numa Universidade. Eles estavam se sentindo apoiados. E a Idea, quando acabou a formação, né, eu nem esperava de todo mundo descer, que não tinha espaço ali. Eles não tinham noção de ter um evento para eles só. Só para eles. Aí a combinação, para que o seguir, teria que ter o quê? Não uma ??? ali... não nas regionais. Eu vou até Minas. A gente faz esse movimento, faz... só que caiu. Tudo se atropelou. Que eu não pude fazer nenhuma dessas reuniões, por que por mais que eles falem, vai ser preciso que eu esteja lá. Não pude fazer nenhuma dessas reuniões por que acabei indo pra Brasília. Em dezembro eu já estava no de regulamentação, que a gente convidou pra assistir e ela queria saber sobre citotécnico, citotecnólogo. Eu falei, caramba eu ainda nem me reuni com citotécnico, a gente nem se conversou e já estão me cobrando. Eu fui numa saia justa, por que eles chamaram foi... chamaram o pessoal do INCA, ele tem a listagem, o Thuler não podia, fui sozinha. Eu falei, caraça! Felei, meu deus do céu. Aí estava lá quem? Niasiardo, meu amor, né! Que me adora, né. Estava lá Niasiardo. Aí você vê a coisa. Essa... essa câmara de regulamentação... não são eles que vão determinar, regulamentar a profissão. Mas são como consultores. Então, quem faz parte? Todos os conselhos das profissões ditas de saúde. Então tinha o conselho de odontologia, conselho de nutrição, conselho de enfermagem, o conselho de farmácia, o conselho de medicina, conselho de radiologia, estavam todos lá reunidos. Aí tinha o da farmácia... é uma que, ela e o ?? não se bicam. Ela já gosta de ????? pra se bicar.

Luiz Antonio: Simone, isso é aonde?

Simone: em Brasília.

Marco Porto: Ministério da Saúde.

Luiz Antonio: Lá no Ministério?



Simone: É, no Ministério, dentro das secretarias de gestão de regulamentação...

Marco Porto: do Trabalho e Educação em Saúde.

Simone: Aí no caso foi a do trabalho. Não era nem da educação que foi depois. Elas me chamaram pra ir por que lá... na realidade me botam ANACITO mas me botaram INCA. Não tem jeito. Ainda não... ANACITO ainda não está... ainda está logo na segunda jornada se vai ver o que ela vai acontecer. Eu vou ter que usar estratégia. Vi que vou ter que usar estratégia. Nem que o citotécnico não queira. A coisa está tão acostumada... tão assim, que tem essa vantagem, tem a ânsia, mas... ainda está, né. Até que eu consegui grandes coisas, mesmo sem ser direitinho, regulamentada, já consegui varias coisas. Já tem dois livros pra sair.

Marco Porto: Quantos associados começaram?

Simone: Olha, na realidade todo mundo preenche a ficha... mas não entrega.

Marco Porto: Mas isso tudo... ah, sim!

Simone: Tem um monte de gente por aí...

Marco Porto: Quantos entregaram?

Simone: Olha, devo ter uns vinte ou trinta. O próprio INCA... no próprio INCA. Do INCA se dois ou três entregaram... do próprio INCA, próprio funcionário do INCA. Ainda mais que a gente está com esse problema todo... mas o próprio funcionário. Teve um, outro dia, estava uma discussão que virou pra mim e disse assim: ah, você me deu a ficha, esqueci na gaveta... você não fica me cobrando! Eu falei: mas eu não tenho que te cobrar. Ou você sabe quem é o profissional ou não é. É arriscado o que estou fazendo? É. mas, não adianta nada eu chegar lá, ah, preencher por causa da Simoninha... é a tendência da associação acabar.

Luiz Antonio: Então, deixa eu entender... a associação hoje ela tem poucos afiliados?

Simone: Afiliados oficialmente, sim.

Luiz Antonio: E a maioria está no próprio INCA, é isso?

Simone: A maioria no próprio INCA e nem preencheu as fichas. Ainda não... ainda não... tá muito assim. e como eu fiquei muito em Brasília, por mais que a gente trás a informação, eles não estão vivenciando. Nessa segunda jornada que eu insisti... a coisa que eu queria fazer estava ocupada... não, nós temos que fazer. Vão vir mais essas

informações, né! Aí sim você já vai ver que já tem a menina que veio de Blumenau... a gente já está com toda a ficha... vai vir o estande da ANACITO. Então, eles vão sentir que a coisa está firme. Por que até então eles me ligam, ah como é que... eles sempre me ligam perguntando como está a ANACITO. Por que quê não tem site? Eu falei, por que tem que ter dinheiro.

Luiz Antonio: Qual é o maior objetivo da ANACITO?

Simone: O maior objetivo da ANACITO é... primeiro, como é que eu vou falar de uma maneira assim ???... colocar o citotécnico... acordar com o profissional. Por que o grande problema é que ele se sente tão apagado que para ele... ele não percebe se coloca não existindo. Então a primeira coisa... que o profissional se enxergue. Enxergue a capacidade dele e o trabalho. Por que durante muitos anos e falado pra ele assim: Ah, você só faz uma triagem. Assim mesmo! Ah, vocês fazem uma triagem! E não é isso. E se você faz isso o profissional não entende a importância do papel dele. Então ele não se sente tão profissional e fica aquela coisa só mecânica e lê. Eu fiquei muito... uma das coisas...

Luiz Antonio: Mas pra além dessa questão mais simbólica... assim, a idéia de normatização da profissão também veio nisso?

Simone: Normatização... primeiro eu preciso agregar esses profissionais e saber quem eles são. Montar um perfil, por que eu tenho assim... a visão que eu tenho dos alunos que vem pra cá. Saber qual é o perfil do profissional que eu tenho aí, citotécnico. Mostrar pra ele o que quê é a citotecnologia realmente. Não é só leitura de lamina, que muitos não conhecem. Então, tem toda uma coisa para ser construída.

Marco Porto: Normatizar a formação.

Simone: Né, essa formação... quando sair esse catalogo de, né! Aí sim vai chover gente querendo , porque a coisa vai ser tão oficial, que o que quê eu vou fazer com os antigos? Como é que eu vou normatizar os que estão aí? Como é que eu vou colocá-los na legalidade. E você tem tudo informal. Como pegar e colocar... esse é o estudo que tem que ser feito. Então, quando saiu o catalogo no MEC, uma coisa oficial, vai todo mundo começar a ligar para o INCA desesperado e correr, né! Por que precisa de impactos. Você teve impactos da coisa. Tem impacto. Então você tem aqueles impactos. Ainda está meio que adormecido. O citotécnico está adormecido. Tá acostumado. Tá ali com o médico que está lendo e... pra ele o mundo é aquele. Lá do Paraná a menina disse assim: ah, estou tão contente que eu vou treinar aqui com o médico e vou poder ler a citologia em casa. Essa é a mentalidade que o citotécnico está tendo. Que eu vou ler citologia em casa. Que eu vou pegar enquanto meu filho está lá eu estou aqui lendo lamina. Isso me deixou apavorada, por que é a

mentalidade. E ao mesmo tempo você tem outro profissional que está crescendo, por exemplo, no Amazonas... já disseram que não precisa de citotécnico. Enchei de curso de especialização de farmácia... lá a formação é muito mais de farmacêutico. E ele está tornando o serviço onde tem dois ou três citotécnicos, que não se formou outro. O serviço terceirizou no município. O município passa para o farmacêutico. Que é o profissional. Que ele é um técnico que pode assinar. Então você nem precisa contratar um médico. Então é isso que o governo quer. Alguém que faça tudo.

Marco Porto: Nesse embate aí, nesses diversos embates do citotécnico, da ANACITO, descreve um pouco pra gente as relações com as outras categorias? Com os biólogos, as sociedades principalmente. Os biólogos, os farmacêuticos, os médicos, o que que pega com cada um desses ?

Simone: Olha, com os médicos... eu sou uma pessoa muito simpática. Me dou bem com todos. Estou sempre assim rindo. Eu me dou bem tranquilamente com todo mundo. Dos médicos, quem está no comando da sociedade medica agora...

Marco Porto: Qual sociedade medica?

Simone: Sociedade Medica de Citopatologia, mas a citopatologia e de citologia clinica. Biólogo não tem associação, não tem nada disso. O biólogo é outro que não reclama de nada. Ele só acompanha a onda. Digo por que eu sou bióloga eu sei mesmo. Só acompanha a onda. Ninguém briga com biólogo. Se vê que a briga é farmácia e medicina. Biólogo o pessoal nem viu, médico então... o pessoal nem conta, por que não tem muito no Rio, tem mais em São Paulo. Então, por exemplo, a Sociedade Brasileira de Citopatologia que dar todo apoio. Mas a Sociedade de Doutor Colasa, essa leva que está agora. Ele quer dar todo apoio. Até queria oferecer a sede deles pra gente fazer. Por que que você não bota as noticias aqui no nosso? E aí nesse momento que eu sou ditadora. Assim, eu não tenho nada contra, mas não quero. Que a partir do momento que eu fizer isso a associação morre. Por que eles só vão ver a sociedade e a nossa. A nossa tem que crescer sozinha primeiro. E no Paraná, depois de fazer aquela apresentação toda que eles mandaram, a menina vem, aí como eu faço para voltar a ser sócia da Sociedade Brasileira de Citopatologia. Nem perguntou da ANACITO. Que dizer, eu falei, falei e falei, mas ela só via, né, o que ela então... eu tenho que construir a ANACITO como uma coisa forte e independente.

Marco Porto: Com a identidade própria.

Simone: Com a identidade própria. Então estou passando por vários perrengues, mas eu ainda insisto.

Marco Porto: Me fala dessas relações?

Simone: A relação com a citopatologia é muito boa, pelo menos alguns médicos. Eles entre si não... não... uns são contra outros não. Mas quem está no comando agora é a favor. Então por isso que eu falei pra ele que eu não posso ir aí, por que eu não posso depender de quem está no comando. A de farmácia quase poucos tive contato. Eu estive lá na primeira reunião. Ela foi a única assim que “defendeu o citotécnico”, por que ela queria ser contra o Nisiado. Por que, o que quê acontece? O duodonto virou e falou assim, mas Simone pra que a gente vai que... tem que fazer curso, regulamentar o citotécnico, se tem nível superior especializado? Aí ela pulou. Eu não sou citotécnica. Eu sou citologista clinica. Nisiado... essas novas tecnologias, Simone, pra quê? Isso levando bomba na primeira reunião da... pra quê regulamentar essa profissão? Eu quase virei pra ele... se tá vendo que você está quase acabando com a sua profissão. Se você falar isso você está... as outras profissões estão na frente. Mas a pessoa não raciocina. Então, quer dizer, o próprio duodonto não entende. Ela disse assim: eu não sou citotécnica. Ai eu falei: eles são outra coisa. A briga deles é para assinar. Eu falei: citotécnico, a gente não tem nada haver com essa briga. A briga deles é para assinar. A nossa é a formação... é que eles não perceberam que a citotecnologia ela abrange toda área de citopatologia. Ela só não assina diagnostico, mas toda área desde a recepção, preparo, quando vem o material, a primeira leitura que é importante por que você está dizendo quem vai ou não vai entrar no sistema. Isso que o citotécnico tem que começar acordar que é o importante da citologia.

Marco Porto: Então no momento não há conflito nenhum entre a ANACITO e nenhuma sociedade medica?

Simone: Nenhuma sociedade medica.

Marco Porto: Tá tudo... há consenso?

Simone: Tudo a mil maravilhas. Tudo no consenso. Tudo assim tranqüilo. Ainda não teve embate. Mesmo por que eu não sou louca de fazer embate agora se antes tem que ficar agregado ao citotécnico.

Marco Porto: Se houvesse esse embate qual seria a questão?

Simone: A questão deles e que eles dizem que nós não temos formação, isso é o que a farmácia fala, que nós não temos formação, que eles são mais qualificados. Mas a partir do momento que eu tiver as escolas... tiver formação, eles não tem o que falar. Acredito eu. Mas, o embate vai ser esse. Já no Amazonas já teve um embate, mas ele vilou que não precisa de citotécnico. Que já tem gente qualificada. Mas o governo está querendo desistir por quê não tem escolas. Então eles se apoderaram por que não tem escolas. Não tem como ????. Então eles estão... você não tem escola... então eles fazem

a especialização que é uma vez por semana. Acha que é normal. Por isso que o meu embate vai ser a formação. A formação adequada. Mas por enquanto eles tratam a gente muito bem e ainda mais por que o governo está... querendo o citotécnico está nos apoiando. Nos estamos com essa... então eles não contra a gente. O embate vai ser na hora de regulamentar.

Marco Porto: Simone, na... nessa primeira jornada houve um consenso em relação ao mapa de competências da profissão. Se não houve, diga que não houve, mas estou dizendo a minha leitura. E por tanto qual a formação necessária para dar conta desse mapa de competências, insumos, se reuniu os elementos necessários para a formalização da profissão.

Simone: Foi.

Marco Porto: Isso tem quase 1 ano. Como foi o processo nesse tempo? O que quê está pegando no ministério? Por que quê de fato isso ainda não foi consolidado?

Simone: Olha, foi uma coisa bem esperta chamando a Associação de Citologia, Citopatologia e Citologia Clínicas. Chamaram essas três associações para participar dessa formação. E chamaram alguns citotécnicos e o INCA. Eu fui como ANACITO. Então eles estavam tentando montar... a primeira coisa que eles fizeram... o que quê vocês fazem? E cada um foi colocando a sua experiência, né. A eu faço isso, eu faço leitura daquilo. Então qual é todo... aí pegou CISCOLO, né. O CISCOLO é um exemplo. Que quê é... antes da técnica, a técnica em si pode. Então vamos nos basear nisso pra saber o que quê o citotécnico precisa saber. Se acredita que os embates na realidade era por algumas palavras. Diagnostico, laudo técnico, a gente ficava três dia por causa disso. Nós fazíamos... e vai ter... eles vão ter que contar... qual o problema que tentaram esconder? Tenta se esconder. Por que quem faz a leitura dos exames... pode não assinar, mas libera os negativos somos nós. Esse é o calcanhar de Aquiles de aparecer.

Marco Porto: Pode fazer, mas não pode falar.

Simone: Entendeu. Esse é o grande calcanhar. Aí foi colocado ??? do técnico. Foi colocado as não... citologia de não ginecológica. Alguns citotécnicos não gostaram muito da idéia, mas aí fui ditadora. Falei assim: olha, a gente tem que pensar... não, por que foi um embate. Tinha embater até com os próprios colegas que... eu falei assim, gente... sei que estava falando... não, por que vai querer que eu leia... citologista só pega assim... por que quê que eu leia. Ninguém que quê você leia nada. Mas tem que ter na formação. Que o citotécnico que trabalha em hospital, lê. Ele tem outro perfil. Ele lê. Que é o material que tem lá. Você não tem pra... você não tem fora por que muito gente... falta profissional treinado pra ler. Essa é a grande dificuldade. Aí

o da farmácia, não Si, precisa sempre ser política. Ah, não tem não. Eu fico com essa cara de idiota. Eu falei não tem não. Só que teve um momento, que a coisa emperrava mais, e eu fiquei muito calada, e a... pra Sociedade Medica de Citopatologia... ficou muito chateada comigo, dizendo assim, você nunca falava nada. Por que o tempo inteiro aparecia briga, muito, farmácia e medicina. Qualquer palavra que dizia... você via que a briga... então, se eu falasse alguma coisa ia virar... elas iam tipo assim... puxar cito pra cá, cito pra lá, ia acabar esquecendo o que era citotécnico. Eu falei, não é momento de eu abrir a boca. Por que a que é a citologia, mas foi vista bem que a briga do ato medico, entre eles ficou confusa.

Letícia: Como é essa briga entre os hospitais.

Simone: Essa briga é... eles ???... não sabia nem como era regulamentado. Só precisa saber que era. A farmácia é regulamentada e lá tem escrito liberação de laudo técnico. Então ela pegou pra si o direito de ser citopatologista. Que citopatologia da diagnostico. Se a pessoa tem câncer, tem câncer. E isso é um ato medico. Então a briga está aí. Que eles fazem os exames. Citologia é assim e os médicos não concordam. Então nisso entrou farmacêutico, biólogo, biomédico... ah nos podemos assinar o exame. A menina da farmácia de vez em quando ela soltava um ????. E como esse citotécnico pode liberar sem ter formação com o medico assinando, é ele quem assina, nos podemos assumir. É esse aí. Esse é o carro chefe que eles dizem.

Marco Porto: Por que quê até agora não foi finalizado esse processo?

Simone: Aí o que aconteceu, nos passamos o primeiro, foi uma briga danada, nome disso nome daquilo. Aí conseguimos montar. A Vânia que é espertinha conseguiu pegar uma ??? aí eu fazia revisão, para montar o livro. A Vânia, ??? a Vânia e a Fátima, pegaram o papel antes para deixar. Por que a Vânia guarda tudo. Aquela mulher decora tudo. Aí na hora de montar os currículos chamaram só algumas pessoas, não chamaram as sociedades. Eu não fui, foi outra briga, outro embate, mas eu não estava presente. Eles montaram. Aí mandaram a versão que ia ser publicado só que a Vânia leu... eu realmente não tenho muita paciência, mas ela lê linha por linha. Quando ela pegou pra ler tinha coisa modificada.

Marco Porto: Quem modificou?

Simone: Aí é que está. A responsabilidade é lá da SEJET. Alguém modificou. Tirou assim, o laudo técnico, que a gente tinha colocado. Quer dizer, alguma “anuências”, por que fez a revisão não foi uma pessoa que participou das discussões. Então não entende realmente o significado daquilo ali. E ao mesmo tempo que eles... se eles disserem que o citotécnico pode fazer o laudo técnico, você perde a farmácia ?????? aí entra a briga de novo da assinatura. Então esses detalhes elas bateram de cima.

Quando chegou lá, é por isso que eu digo que o governo que tudo, já no catálogo do MEC já tinha saído, antes mesmo de ter isso tudo, tentando normatizar o técnico em citopatologia. Aí nos tínhamos acordado que seria técnico em citologia. Ah, mas o MEC colocou técnico de citopatologia, mas esse nome parece... então tá, fica o nome. Quando voltaram em Brasília pra ver se ficava o nome, mas tinha que mudar algumas coisas, que eles colocaram que era capacitação de ler isto e cito. Nós não lemos isto, entendeu? Se você lê o catálogo, você vai ver que está confuso. Agora pergunta quem fez o catálogo! Eu perguntei... ninguém sabe quem fez esse catálogo com esse defeito. Sabe aquelas coisas que a gente chama umas pessoas e deixa lá, ??? o governo e você tem que engolir. Quando elas chegaram lá... para dar... mostrar o que quê elas queriam notificar. Mas eu até manter o nome, para não ter mais problema... chamaram???, chamaram alguém do MEC, chamaram outras pessoas que não foram as mesmas... só algumas que não eram as mesmas que participaram... da jornada. Ah, mas o MEC ele que quê tenha isto sim, por que citopatologia pra eles, ainda bem que você está sentado, CITO de célula patologia de isto. Ainda bem que você está sentado. É essa a idéia. Por isso que eles botaram citopatologia, por que querem colocar isto lá dentro. Aí começou outra confusão. Não que o nome tenha que ser técnicos de anatomia patologia. Por que temos que colocar esse profissional, misturava e fazer... aí começou a confusão toda. Aí disseram que queriam bater perna disso, só que agora o diretor do INCA se reteu. Mandou uma carta para o chefe de lá e agora não sei... por isso que empacou. Quer dizer, quando você pensa que está tudo acontecendo, que está tudo certinho. Agora ??? acha que tem dedo aí por traz, por que tirando o nosso laudo técnico, tirando tudo, nos coloca só como meros colhedores... por que aí respalda os farmacêuticos, os biólogos, já estão assumindo. Aí tem a coisa do ??? . Eles acham. Eu não vou afirmar isso, por que é suposição, e eu não trabalho com suposição. Eu acho que tem que ver , cara, se não você fica. Então a coisa empacou. Aí, eu já soube agora que não vai saí o nosso por causa disso.

Luiz Antonio: Quem faz isso são os técnicos SEJET?

Simone: A SEJET. Que eles pegam pessoas, por exemplo, quem era da odonto. Tem muito nível superior. Não tem nível técnico. Eles acham assim... no dia que eles começarem ouvir o técnico, que está ali na... eles vão começar a... então pegou aqueles pessoas que não são da área da citologia, que a citologia é uma área muito restrita, eles fizeram essa área ser restrita. Né, que me falaram uma vez. Quem trouxe citologia pra cá não queria ensinar seus colegas médicos. Treinavam as pessoas do lado para manter. Então, começou com uma coisa muito egoísta, a citologia. A citopatologia clínica. É uma coisa dela. É uma coisa muito egoísta. Tem esse perfil egoísta. Por que o cara pode pegar 500 exames e saí distribuindo para quem ele quiser, paga quanto quiser, e ele é o responsável. Esse é o grande problema da citologia. Então ficou empacado agora. Aí não se sabe se o nome vai ser técnico de citopatologia. Se eles vão colocar isto. Aí se eles colocarem a isto nós vamos implicar. Por que não tinha nenhum

profissional da histologia lá.

Marco Porto: Bem, é outra formação.

Simone: É outra formação. Não, mas eles acham... é outra idéia.

Marco Porto: Outro processo de trabalho.

Simone: Eles acham que histologia é só cortar... e histologia não é só isso.

Luiz Antonio: Mas, vocês não tem voz nesse processo... vocês não tem acesso ainda a essas pessoas?

Simone: Aliás, eu tive acesso por que eu fui pelo INCA. Mas até o próprio INCA eles estão boicotando. Tem umas reuniões entre si.

Marco Porto: Eles, a SEJET?

Simone: SEJET, tanto que ... quando elas foram lá... ue mas, eles só chamaram algumas pessoas que participaram da primeira. Não chamaram as outras. Chamaram algumas pessoas. Desde... tinha uma medica até lá que é ginecologista, que faz citologia no laboratório dela, falo assim: ah, eu não concordo que eles... eu leio tudo no meu laboratório. Aí a coisa, mas minha filha nos estamos falando de milhões de exames, né! Mas a essas pessoas... aí perguntou qual é a posição? A, eu concordo com que a SEJET quiser. A FOSP... a FOSP estão nem pergunta. Saiu no catalogo técnico de citopatologia... simplesmente mudou o nome. Não questiona. A citotécnica de lá não questiona. A coordenadora agora colocaram uma medica. Acho que a única questionadora sou eu, que por um acaso estou dentro do INCA. Então chama atenção pra essas coisas.

Marco Porto: A ANACITO tem alguma articulação política? Alguma parlamentar? Alguma coisa.

Simone: Ainda não. Ainda não temos nenhum... eu nem pensei nisso. Por que é assim, político acha tudo maravilhoso, e como ele quê mostrar, pode colocar de qualquer jeito. Isso me assusta. E se ele não ganhar ele larga. Ele abandona. Então, eu acho que nos temos que estar... até... o pessoal, olha aqui esse político... é ótimo. Mas só que político pensa no imediato. E a gente ainda está com alguns entraves aqui, espero que até a jornada a gente já acerte pra colocar, se não vai ser pior que a emenda.

Marco Porto: Mas, mesmo entre os citotécnicos há desacertos?

Simone: Há desacertos que eu digo assim, não, não que sejam contra não. É por falta de informação mesmo. Não, citologia... não estou te falando que foi uma briga pra eu insistir pro cara que tem que ter citologia não ginecológica. Ue, mas eu vou ter que trabalhar com isso? Quando falou em técnico de coloração... eu não côro... eu vou ter que corar? Teve uma que disse assim, eu vou ter... daqui a pouco eu vou ter que varrer o chão. Comparando a coloração técnica como se fosse o ato que varrer o chão. Por que teórico... quem fazia coloração era o pessoal da limpeza. O pessoal treinava por que... receita de bolo. Por isso não evolui muito a citologia aqui no país. Eles botam tudo como se fossem mecânico... receita de bolo. E Não é. aquilo é química. Você já podia ter estudado como tirar chiloco... por ter outros lugares. Então... tá essa... essa coisa meio zoneada. A própria ANVISA, cara, não sabe o que cobrar da gente. Acha que é igual análises clínicas. E tem detalhes ali que você tem que ter uma cobrança. Então é complicado. Então a articulação, pretendemos ter, mas também não adianta... político me assusta muito. Tenho pavor de político. Não parece, mas eu tenho pavor. Tenho assim... morro de medo. A gente não sabe o que eles vão pensar. Tem por exemplo... eu estou entrando... que quê eu como ANACITO... além de entrar em contato com outras associações a níveis internacionais... que na realidade é até uma estratégia, por que não adianta só o citotécnico ligar sozinho, eu estou trazendo de fora também.

Paula: Você está falando da Associação Portuguesa?

Simone: Tem a Associação portuguesa... essa minha ida ao Peru, pelas intenções que ele me mandou, ele que quê eu fale da ANACITO lá no Peru pros tecnólogos, que ele tem uma intenção de montar uma Associação Amigos da América Latina, né? Que eles tem Sociedade Latina, mas quem é o presidente? Nisiario. Olha só! Ele foi ser presidente quando eu entrei. E ele está sentindo alguma coisa, por exemplo, o nome mudou e ele nem sabia. E ele está fazendo uma articulação, mesma coisa que ele fez aqui. E eu acho que ele tem aprender a valorizar mais o técnico. E ele corta um pouco isso. Por que, por exemplo, São Paulo ia ter um evento de ??? Internacional, né, da Academia Internacional ia vir para o Brasil. E todo mundo queria vir, né. Minha amiga de Portugal queria vim fazer um ???, que a muitos anos não tem. No Brasil, né, língua portuguesa... aí o Ruan tudo... eu falei olha Ruan, eu já sabia dessa... dessa coisa que o Miselto colocou de salas separadas. Em Brasília, quando teve o congresso de Brasília, e o meu crachá não era de citotécnico. Era de palestrante. Então eu podia entrar em todas as salas. Tu tinha crachá de citotécnico, não podia. Era retirado a força. Então por isso que ??? graças a mentalidade dessa criatura. Ela retirava a força. E aí o que quê aconteceu, falei vai ter problema no Congresso de São Paulo. E foi tido e feito. A os citotécnicos não podem fazer o tutorial da Academia Internacional de Citologia. Aí, quando essa meu amigo do Chile soube, ele é da Academia Internacional, ele é editor. Eu falei, eu nunca ouvi falar disso, não sei o que. Não pode entra em contato. E embarrava mesmo . que não pode, não pode. Ai o que quê o Nisiario faz como

presidente da Sociedade da America Latina. Por isso que eu digo, todos os lugares as coisas chegam até mim sem eu pedir. Eu sou a única brasileira sócia, né, aí chegou o e-mail pra mim. Não, vocês da America Latina realmente, acho um absurdo, vamos ver se o citotécnico da America Latina, não brasileiro, possa fazer. Ele teve a capacidade de mandar esse e-mail que caiu na minha mão. Ai eu mandei... nem espanhol eu sei direito, mas saiu um espanhol maravilhoso. Apartai citológico, que é o nome que eu chamei. É apartai citológico. Não tem muito ????. Tu acredita nessa criatura? Tu acredita? Mandar um e-mail desse. Ele que é um brasileiro, medico brasileiro, me mandar um negocio desse. Tu imagina o “cripoco” que deu! Que eu mandei o e-mail... a minha amiga Portugal Ofense... que dizer que ?? de fora. Né, um país como esse. Um apartai citológico, né, que você está fazendo. Ele nem respondeu. Mas passei pra todo... foi um tal de troca de e-mail... de e-mail... acabou que o tutorial foi cancelado. Entendeu? Não é esse tipo de mentalidade... não existi. E ele vê que está passando esse tipo de mentalidade pra lá, por isso que esse meu amigo está desesperado que eu vá lá e fale da sociedade, por que ele que montar uma longe da Sociedade Latina America. Ele que fazer outra. Só de citotécnico. Quer dizer, mesmo ele estando regulamentados... eles tem toda a faculdade... a medicina continua um problema.

Leticia: Como é que é a formação e regulamentação do citotécnico na America Latina? Você tem idéia?

Simone: Eles são... na realidade existe uma diferenciação, por exemplo, os Estados Unidos... eles tem que fazer... a pessoa que tem o segundo grau ele faz algumas cadeiras dentro da Universidade e faz o treinamento dentro de um hospital. Ele tem que ter aquelas cadeira e faz uma prova, então ele é um citotecnologista. E pode seguir a sua formação. A grande maioria agora já tem a sua formação completa. Não tem uma formação de citotécnico. Né, você tem um citotecnologista dentro da área. Em Portugal ele juntava dois profissionais para fazer peso. Então você tem o curso de quatro anos... que aqui seria chamado de tecnólogo, né! De tecnologista que é a NATO. Citologia e taratologia. E a pessoa se especializa... se especializa não... vai trabalhar na área que quiser. E tem as noções de tudo. Na America Latina você tem o tecnólogo medico. Que quê é o tecnólogo medico? Não, e lá os pessoais rindo e debochando. Eu falei, debochando de uma coisa que nem sabe. Mas tudo bem. Tecnólogo medico ele me falou que são cinco anos. E os dois primeiros anos que são comuns, né, e nos outros dois... esse ultimo ano acho que é a monografia... e nesses dois anos a pessoa vai para analise clinicas ou para anatomia ou para citologia. Então ele tem essa formação completa, que é a coisa... que... vamos e convenhamos no laboratório você tem a coisa básica de intercepção, de trato, material e depois faz a coisa especifica, e um ano de monografia. Pois éh, na Colômbia são três anos e meio por causa daquela briga, que ah se não vai ficar mais que a gente, né! Aquela coisa básica. Então esse mais ou menos a formação. Na Argentina tava se decidindo se a formação... como é que ia ser, por que cada país estava fazendo a sua “anuancia”. Na

Tunísia...

Letícia: Mais superior então?

Simone: É.

Letícia: Então, esses países aqui na América do Sul normalmente são... tem ensino superior?

Simone: Só o Brasil não tem nada, filha. Até Moçambique... o cara chegou agora de Moçambique, que a gente vai treinar... já estão montando curso lá a nível igual Portugal, nível superior. Mas aqui no Brasil não posso nisso nem pensar.

Letícia: Como foi sua experiência? Você não chegou a participar da criação de um curso de ensino superior?

Simone: Ah, foi. Aqui teve um curso de tecnólogo.

Letícia: Qual foi a Universidade?

Simone: A Estácio de Sá, que adora pegar tudo, né! E eu estou em todas pra variar. Vocês vão ver que estou em todos os cursos e sei falar de tudo.

Letícia: Como é que foi?

Simone: Foi uma... aí se teve a idéia de montar... mas eu sempre critiquei assim... eu acho que para montar tem que ser diferenciado. Acho que faltou ter o estudo que a gente tem agora pra montar. Então, é um curso de dois anos, mas esbarrou, principalmente por ser particular, em querer botar mais de trinta, quarenta pessoas dentro de sala. Você tem que ter perfil e não são muitos que tem. Não vão querer pagar professor. Consegui duas turmas, depois acabou. Por que as pessoas acabavam não procurando mais. Eles querem sair aprendendo, lendo, mas se você não... primeiro que era novo. Se você só tinha quinze pessoas inscritas, eles não queriam abrir. O normal seria você ter dez, quinze. A maioria dos cursos no Canadá você não tem muitas pessoas inscritas. Não é umas turmas de sessenta. São umas turmas mesmo, por ser uma coisa artesanal. Foi as duas turmas. Foi interessante. Tenho um aluno até que já tá está trabalhando na área, mas ele é meio tarado por citologia por que ele biologia, ele fez a especialização em citologia, ele fez o tecnólogo, querida fazer o curso do INCA, eu são seu pra quê, né? Então... e tá trabalhando já como citotécnico no Sergio Franco até. Então ele tá... os outros eu não sei. Acho que não sei se seguiram ou não seguiram. Se você não tiver o seguimento... é o que eu falava com eles... por mais que eu mostre, é preciso muito mais que isso para a dedicação. 6por mais que

eles tenham interesse, tem que ter a lamina, então... você vê esses déficit. Tinha os microscópios, mas eram umas bancadas altas. Era só a gente que reclamava da bancada alta. Então eu falei, por causa da coluna. Você não tem nem biosegurança dentro. A gente está até... como não tem mais nada para fazer na vida, tem um projeto com a Fiocruz que é um livro de biosegurança dentro do aspecto do trabalho. Pensando na ANACITO. Por que quando tudo isso surgir, né, na hora de... até de regulamentar a profissão, tem que ter alguma coisa escrita sobre o que ocorre realmente dentro do laboratório para certificar. Por isso que eu tenho que fazer tudo ao mesmo tempo. Que tudo vai ter que sair ao mesmo tempo, por que a coisa tá... tá correndo assim. então essa foi a experiência, né, eles querem, mas não é um curso para uma escola particular. Se for colocar nesses moldes. E aí... e na Tunísia, por exemplo, eu encontrei... em Portugal eu encontrei um cara da Tunísia, né, eu sou meio distraída nas coisas... eu falei assim... ele estava fazendo a prova junto comigo... eu fui fazer a prova sem ter estudado nada. Sou meio loca, né. Fiz e passei e nem acreditei. Aí fiz a prova. Aí a partir do momento que eu fiz a prova e passei, a Sociedade Brasileiro de Citopatologia me chama para tudo quanto é lugar. Eles me veem com outros olhos. Já me viam por que eu já ia em todos, mas depois... nossa ela tem a prova da Academia Internacional de Citologia. Eu falei ichi... já... foi uma... é uma outro... um outro tratamento. É engraçado, né? Eu fui fazer assim na loucura. Fui a São Paulo... Portugal sozinha... perdi passaporte. Você é louca... eu falei, todo mundo fala português, então eu vou lá. A menina disse que eu era louca por que eu ia pra lá, não sei o que... mas vem e vai... e já fui apresentando caso. Foi interessante. Aí acabou a prova e tinha esse cara que era o único de fora. Eu falei, ah você... aí olhei assim... eu vi que você estava fazendo a prova... ei eu olhei... você estava... ele era estrangeiro e não sabia. Falei oi... aquele jeito carioca, né, esqueci que estava em Portugal, saí, abracei o rapaz, beijei... o cara era mulçumano! Eu, aí meu Deus, ah desculpa! Ele não... desculpa, mas tinha ido né. Desculpa o jeito carioca, sabe como é... aí ainda pedi foto, peço foto e ainda pedi cartãozinho. Ele é um citotecnologista da Tunísia. Manei um e-mail pra ele, não sei falar idioma nenhum, mas consigo me comunicar com esse povo todo. Mande um e-mail e aí ele mandou procurar... é... o título é... como é... formação em morfologia. Quer dizer, você não tem uma faculdade escrita citotécnico. Você não tem isso. Escrito citotecnologia. Você tem, por exemplo, aquele tecnólogo medico, mas como ele acaba fazendo citologia, é conhecido como citotecnólogo. Mas, ele é tecnólogo medico. Em Portugal você não tem profissão citotécnico. Você tem técnico de anatomia patologia, citológica e taratologica. Você vê, não é... o nome citotécnico e quase como um... uma coisa para identificar voltada para aquela área. Então é assim bem... bem confuso. Se vai vendo ????. se vai vendo tentando traçar teia, por que é uma teia, né. Você pega as informações de tudo quanto é lado. Minha cabeça fica assim. um monte de coisa.

Paula: por que você resolveu fazer essa prova da Soci... da Academia internacional de Citologia e aí você recebeu o titulo de citotecnologista qualificada, né?

Simone: É menina, o que quê acontece... eu sempre fui muito curiosa, né. Meus colegas brincam que eu gosto de fazer tudo ao mesmo tempo. Mas é que a minha mente raciocina assim para chegar a um ponto... tem que pescar... por que as vezes a gente vê um detalhe e não vê os que tem por fora. Eu tinha feito a prova... fiz o curso... aí eles queriam que eu fizesse a prova da Sociedade Brasileira. Nunca fui sócia da Sociedade Brasileira de Citologia por que acho que tem umas coisas ali que... humilhantes. Então não vou pagar para ser humilhada. Mas encheiram tanto minha paciência que eu fiz a da Sociedade Brasileira, mas também fui numa época que não fui obrigada a ser sócia. Então eu fiz. Passei. E aí você esta sempre querendo... eu estou sempre querendo me testar. Que você se sinta assim meio... disse a, eu vou fazer a prova da Academia Internacional. E quando eu soube que existia... conforme você vê eu vou tentando fazer. É mais pra me testar, né. Tudo quanto é prova que tem citologia eu quero sempre testar meus conhecimentos. Justamente para a gente não ter mais nenhum parâmetro. Qual é o parâmetro que aquele ali segue? A prova que eu fiz pra... lá para a UNIRIO... pô gente, vamos lá fazer! Ah não, tem gente já treinando, e cartas marcadas. Eu falei, e daí, é R\$ 8,00 a inscrição. Vamos fazer a prova gente. Nunca tem prova. Ah, mas só é uma vaga. Eu falei, a gente só concorre pra uma. Que quê tem. Esse povo que... ????. Aí fui lá fazer a prova. Aí vi as questões... eram coisas que eu sabia. Que dava pra fazer. Quer dizer, estava me testando. E qual um aprova... Belford Roxo teve uma prova para citopatologista não medico. Eu tirei em segundo lugar. Fui lá fazer. Mas, não passei na prova no INCA. Que só caiu coisa de patologia. Nada o que é da nossa área. Eu estou doida para entender quem formulou aquela bendita e maldita prova. Não tinha nada haver. E quem é que borá uma foto em preto e branco para você interpretar na citologia? Aí, quer dizer... aí eu passei, tirei em segundo lugar...

Marco Porto: Acabou com o corante.

Simone: Oi?

Marco Porto: Acabou com o corante, né?

Simone: Não, aí não... quer dizer, não que a cor seja tão importante, mas você... como é um grupamento, geralmente a gente no microscópio você mexe no micro, dá uma... arranjo. Existe muita subjetividade. Então, você com esse tipo de pensamento... eu já olho de outro jeito. Mas o pior são o que eles colocaram ali dentro da prova para citotecnologista nível superior, por que só fiz para nível superior. Nível técnico já tenho outro concurso, pra que vou fazer outro? As perguntas, aquilo aí não é o que vivemos no dia a dia. Então, muita gente não passou, a maioria não passou, por que não é só vivencia. Citotecnologia... muita coisa de tecido, então você vê que própria formulações na prova, não justificando eu não ter passado, mas a própria formulação

tem coisas que não é da sua vivencia diária. Por que eu não tenho paciência para estudar para prova. Eu uso a minha vivencia diária para fazer qualquer prova. E nessa realmente... eu até consegui passar mais que os outros, mas... né... então fica... a diferença de técnico tava igualzinho, bonitinho, mas as correções estavam horrorosas. Então eu falei, pô... eu comecei a ver assim, todos os evento eu ia, congressos eu estava em todos, né. Principalmente por que o pessoal ia para visitar, passear. E tinha muito medico estrangeiro. Aí eu fiquei assim, ue, será que não existe citotécnico fora do país? Começou a me dar essa curiosidade. Não existe citotécnico no país, por que eles sempre trazem esse profissional. Não existe técnico. Senti falta de ter convívio com técnico fora do país. Comecei a mandar e-mail para um lugar, mandei pra outro, aí descobrir Dr. Schimitt. Ah, tem a **Paula**. Liguei pra **Paula**. Ia ter um evento onde ia ter essa prova, e eu estava doida para testar, adoro me testar, quero nem saber se eu vou fazer... passar ou não. Eu quero é testar. Aí, ia ter esse evento de citologia... acho que eu vou. E eu consegui falar com ela por telefone. Um gasto, né! Mas, quando é do seu interesse. Aí liguei pra ela e ela disse, que engraçado... engraçado pra eles tem outro significado... eu falei engraçado? Divertido. Você vai vir mesmo? Aí então você faz o seguinte... faz duas apresentações pra gente? Eu falei, claro, faço. Me diz um coisa, como é o citotécnico no país? Eu, hum... foi quando me deu aquele branco... que eu não tinha... foi quando eu comecei a pesquisar, correr a traz de todo mundo. Eu foi interessante chegar lá, conhecer. Você vê uma outra cabeça, e começa a ver um outro mundo que existe. Eu falei, a gente pode ter isso lá. Aí começou toda essa trajetória, pesquisa dali, pega papel dali, todo mundo mandava papel pra mim. Ah, Simone eu tenho papel disso. Aí começa a me dar papel de tudo. Ah, vamos escrever uma historinha? Aí, você não vê nada escrito. A Maria Helena, ela até me deu um monte de papel, e aí você vê que aqueles papeis... não teve o mimeógrafo? Aquilo nunca foi muito registrado. Por isso que não acha nada de citotécnico por aí. Teve muita documentação, muita coisa, mas muito no informal. Como é na nossa profissão, muito no informal. Ficou nessa história. Aí acabei fazendo a prova. Aí quando eu passei, menina, as pessoas parecem que me olharam diferente. Que cai em tudo que é citologia, né. Aí eu falei, gente... em hospital em vi alguma coisa. Não lia muito por que a medica não aparecia, os exames ficavam lá para ser lido, né, mas... falando assim bem claro. Aí acabou agora, todo mundo me chama pra tudo. Já não aguento mais de tanto fazer palestra. Eu falei, gente as outras pessoas têm que fazer palestra. Aí dizem assim, eu gosto você pegando... eu sou curiosa, pego lamina, pego... ah, eu boto fé no que eu faço. Eu acho que tenho que está envolvida em quase tudo, né, por que se não.

Letícia: Você começou falando agora sobre determinadas humilhações que tinham na sociedade...

Simone: Não, é porque era o seguinte... talvez eu tenha exagerado... não, falei demais. A primeira coisa, as pessoas não têm a mania de não lê... de lê o estatuto. Então ela ser sócia da sociedade, tá! Quando você lê o estatuto...

Letícia: É da Sociedade?

Simone: Brasileira de Citopatologia. Até então só existia... a citologia clínica veio depois. Por causa de uma briga que eles não queriam aceitar o nível superior, não médico, então eles montaram a deles. E tudo começou nisso. ???? montar a deles. Eles tem dinheiro, são fortes, cresceram, agora minha filha! Estão tomando conta de tudo. Aí por exemplo, lá no estatuto diz uma coisa... uma das partes lá... por exemplo, se eu pago eu quero ter direito a votação, mas eu só... eu não tenho direito a voto. Eu tenho que estar representante sem outras... citotécnicas. Aí eu tenho direito a 1 voto. Eu acho isso humilhante. Eu não tenho o mesmo direito de voto que um médico. Então pra que quê eu pago? Pra que quê eu vou fazer parte? Qual é o ganho de ser sócia? Aí agora eles colocaram é uma Sociedade Médica. Então se é uma Sociedade Médica, eu não preciso pertencer a ela. Mas só que a grande maioria aqui fez o citotécnico que sustentava, porque médico é médico, ainda mais agora que... não... a citopatologia é uma área da anatomia patológica. O médico tem que fazer anatomia patológica. É aí que vai acabar morrendo o resto do citopatologista que tem. Porque a maioria do citopatologista que tem são ginecológico... ginecologia que estudou a citopatologia. Você não tem anatopatologista. Na própria formação... se eles começam a ensinar tecido antes de ver célula, eles não vão querer ler mais depois. Quem aprende ver tecido, que é muito mais rápido, não é que quê é mais fácil, mas é mais rápido, vai querer ficar catando célula? Não vai. Aí que vai acabar... aí que o citotécnico tem que estar bem firme. O anatopatologista, a não ser que ele goste muito de cito, que não tem a grande maioria... além da ISTO pagar muito mais, por causa do clip, você vai acabar não tendo esse profissional. Porque ele agora não pode exercer. Vai ter que então... diminuiu bem a coisa. Então é a ideia da gente crescer... é nesse momento. Por sinal, tem muito patologista não que nem saber. Que o nível superior trabalhando. O nível de Sul prefere trabalhar com nível superior. Nordeste, se o cara for... souber ler já está bom. Então você tem perfis diferenciados, salário diferenciado, tratamento diferenciado. É uma coisa medonha. A diferenciação do que é pra lá e do que é pra cá.

Luiz Antonio: Quantos citotécnicos você acha que tem o Rio de Janeiro hoje?

Simone: Olha, a grande... é difícil... é difícil. Eles estão tentando fazer esse mapeamento, eu não sei se eles conseguiram. Que pra fazer esse tipo de mapeamento, a pessoa tem que estar registrada como citotécnico no mínimo. Eu mesma sou registrada como técnica de laboratório. Se você for pegar... a minha carteira... eu nunca fiz curso de técnico de laboratório de análises clínicas, mas eu sou registrada como técnica de laboratório.

Luiz Antonio: Mas, você acha que é centenas, dezenas?

Simone: Isso é tão complicado, por que a grande maioria dos citotécnicos que estão trabalham com ele, trabalham no INCA. É engraçado.

Luiz Antonio: No INCA?

Simone: É. A maioria dos citotécnicos você vê... então aqueles que tem... por isso que aqueles que estão muito escondidos, a gente nem conhece. Mas teve ter... então a gente não tem nem noção.

Luiz Antonio: Eu não consigo entender, sinceramente, quando você fala assim, a grande maioria do citotécnico trabalha no INCA. O INCA é quem mais produz exame de papanicolau no Rio?

Simone: Não, é por que... é um dos que mais produz. E ao mesmo tempo o povo tem dois empregos. Então, saí daqui e vai pra lá.

Luiz Antonio: Mais sabe por que?

Simone: Não, são mais 6 meses. Se eu concordar está no meu lugar e lá. Não é que seja só lá. Mas é que eles estão geralmente em dois... que é outro calcanhar de aquiles do citotécnico. Eu falo com eles que é o calcanhar de aquiles deles. Não, fala...fala.

Luiz Antonio: Desculpe minha ignorância. Assim toda... todo a medicina dos planos de saúde... ela também faz papanicolau e esses profissionais são os mesmos citotécnicos. E essas pessoas também estão no INCA? Faz parte dessa grande maioria que você está falando?

Simone: Também. Eu digo assim, por que a grande maioria que nós temos lá sempre tem um outro emprego... trabalhando num outro lugar. Aí você até tem... nós temos ex-alunos que estão trabalhando em outros lugares...não são... a grande maioria está... não todos... mas é difícil eu calcular pra você, saber quantos citotécnicos... que a maioria ou está em dois empregos ou está técnico de laboratório ??? casa. Então você tem... vai calculando... que aquela pessoa está entre três laboratórios diferente, mas eu vou contar ela como um citotécnico. E tem aqueles que são treinados, por esse exemplo que eu dei, que a gente nem sabia que não existia. Então é uma coisa confusa. E hoje não são na carteira... a gente não tem a carteira assinada. Eles assim a carteira de dois e os outros três é free-lance. A grande maioria... de laboratório é assim. Então você não tem registrado aquele profissional.

Marco Porto: Mesmo quem assina às vezes assina como outra coisa, né?

Simone: As vezes é outra pessoa que assina.

Marco Porto: Não. Eu digo assim... a carteira...

Simone: A carteira está assinada...

Marco Porto: Como técnico de laboratório.

Simone: A minha está como técnico de laboratório ou está como administrativo, então você... publico então.. publico não existe na cadeira. Só o INCA que eles falam de concurso, mas na realidade não existe. Se você for olhar a pessoa está é... eles mandaram por exemplo, uma enfermeira... mesmo que a enfermeira venha fazer o curso, volta, continua como enfermeira, mas está trabalhando na citologia.

Marco Porto: Enquanto não formalizar a profissão é impossível fazer esse senso?

Simone: É complicado fazer esse mapeamento. E grande maioria já fez faculdade, então ele vai lá, por exemplo, na jornada... a gente pediu para preencher... tinha design, tinha psicólogo, tinha... são todos citotécnicos, só que colocam sua formação. Teve um que disse sou professor universitário, eu falei, ah que coisa. Então design que é mais interessante. Teve um que era feirante. Teve um garoto que ele fez o curso do Estácio até, mas a profissão dele é feirante. Ele colocou feirante. Até você vai pegar para mapear aí... você não consegue saber quem é o citotécnico. Eu sei por que a gente conhece quase todo mundo. Mas, é complicado.

Luiz Antonio: O citotécnico lê me media por dia quantas laminas?

Simone: Olha, eu sou lenta. Eu não consigo lê cinqüenta casos de uma lamina. Mas tem citotécnico que lê trezentos casos.

Paula: E costuma ganhar quanto por lamina?

Simone: Aí tem uma variação. Olha, essa é uma pergunta que todos me fazem. É uma variação. Tem gente que ganha R\$ 2,00, R\$ 1,00 por lamina. Não, tem gente que tem a capacidade... teve uma vez que eu fui trabalhar no sindicato, que eles queriam montar. Aí ele falou assim, dá uma base de 80 casos, você completa... mas, se aumentar pra 100 você pode diminuir já que aumentou a quantidade, né? Eu falei, não é gado! Mas, não é. Né gado. Você ta pensando que quanto mais lamina... então você tem citotécnico que lê por R\$ 1,50... é, R\$ 0,50. Aí, qual é... o que quê eles reclamavam. Ah, lê por R\$ 2,00 o cara me ofereceu R\$ 1,50, se eu não aceitar, outro vai aceitar. Quais os problemas que o outro aceite. Aí, fica se sujeitando, além de ter aquele monte de caso

ir pra geladeira no final. E uma coisa que acontece muito... não pagam. Fica devendo. Tem que ficar correndo a trás, aí pede, fica correndo e não paga. Então existe essa coisa sucateada. E ao mesmo tempo as pessoas... eu falei que quando regulamentar vai ter um ponto... calcanhar de Aquiles. Como vai ser o seu contrato? Por carga horária ou por laminas lidas? Quer dizer, então a gente chama de free-lance, acabou o seus casos a gente vai embora. Fica aquela coisa. Mas se o chefe quiser que você fique aqui 8 horas, você vai ter que ficar. Aí, mas que absurdo! E se ele quiser aumentar o numero de casos, ele vai aumentar. Não, por que eu não agüento. Então temos que ter coerência. Então, é um ponto que eu sempre falo, é o calcanhar de Aquiles. Como vai ser esse seu trabalho. Então por isso que ter a definição do número de casos. Tem gente que lê 50 casos rapidinho, principalmente se não tiver nada. Eu tem dia que eu levo o dia inteiro. Tem dia que eu levo metade do dia. Depende do dia... eu sou... estou envolvida com um monte de coisa... minha cabeça nem raciocina. Eu falo assim, chefe desculpa mais hoje não deu pra lê tudo. Eu falo pra ela que estou envolvida num monte de coisa e paro. Mas tem essa parte... mas tem gente que lê... tem gente que lê muito rápido e lê bem. Tem gente que lê rápido e não lê. E moldado... se tem que ter um parâmetro, né. Eu não sei como os Estados Unidos fizeram pra chegar a essa normatização de no máximo 100 casos por 24 horas. Que eu acho que a carga horária deles deve ser 8 horas ou não tem carga horária. Como eles chegaram que seria certo esse numero. Você teria que pesquisar, ver como foi feito esse... esse trabalho. Como é que eles chegaram a esse número. E aqui, eles usam muito esse exemplo. Eu falei, usa esse exemplo, mas esquece que vai informar. Não, não pode ser igual os Estados Unidos. Então não posso usar exemplo de lá. Usa o exemplo de uma coisa e que usar de outra. Então, não usa. Então são vários... calcanhar é o que vai ter que ser decidido. Teve uma que veio falar comigo, o meu colega lá em casa ganha muito dinheiro, pra que quê ele vai querer... não, eu falei, eu não vou ser fiscalizador, eu não vou casa... bater na porta de ninguém. Quer dizer, você não pode ler. Se for pego é uma coisa. Não vou fazer isso. Se ele vai ler lá... eu não tenho como chegar lá, né! Mas, que pelo menos leia com qualidade. Se a pessoa vai dar para aquela pessoa lê e assina... a partir do momento que começar os processos, como começou... por isso que agora querem colocar o nosso nome. Quando tem o processo só a pessoa que assinou é responsável. Eu não existo. Então... os processos então começando... começaram a surgir, aí sim... ele agora está sendo obrigado... vai ter que regularizar. Como é que eu vou colocar um profissional que não existe... do outro querer. Como é que vai jogar isso no ventilador? Se é uma... bem no ventilador. Vai ser um "cripoco". To vendo o momento que isso vai chegar. Espero já está bem preparada. Eu e o pessoal, né, por que a associação não é só eu. Aí mas, falar com aqueles caras é impossível. Nem e-mail responde. Eu mando um desaforado e aí eles respondem. Olha só, ta acontecendo isso, ta precisando disso, daquilo... aí por que... eu falei, gente eu tenho um monte de coisa pra fazer. Trabalho em dois locais, além de está envolvida num livro. A gente fazendo um livro lá no INCA pra sair na jornada. Tem dois livros na Fiocruz. Num outro hospital sou presidente de

comissão de coleta seletiva. Quer dizer, eu estou envolvida e a gente tem que arranjar um tempo e a pessoa não se conse... Ah, dá pra depois. Não dá. Não dá. Mas eu vou deixando. Por que, oh eu te avisei. Também eu sou mazinha. Eu avisei.

Paula: Fala um pouco desses livros e da parceria com a Fiocruz? E a segunda jornada vai ser quando?

Simone: Setembro, 14, 15 e 16... já temos... eu comecei por traz por que eu ia falar... 14, 15 e 16... dessa vez eu estou chamando o pessoal da África pra falar. Tem um do Senegal. Tem um de Moçambique. Vai ser lá no INCA mesmo, lá no HCM. Lá no 8º andar. Aí, como a gente está fazendo uns trabalhos de controle de qualidade. Uma coisa nova. Apresentar todo mês um caso. Aí eu pensei assim, já que o citotécnico estão sendo obrigados... quase tiveram um ataque que tiveram que apresentar... começou a botar para fazer outras funções, para começar a acordar. Eu peguei esses casos e transformei em Word e a gente está acertando para ser publicado... foi aceito o projeto editorial. Eu pedi logo 4, que eu seu exagerada, né. Pedi 4 e 1 já está pronto, pelo menos... para se distribuir, por que é uma coisa que o citotécnico fez para se distribuir por que acha que é o que vai chamar a atenção... você começar a mostrar alguma coisa palpável. Quem me ouvi falar é ótimo, maravilhoso. Eles adoram, se empolgam, mas quando eles começarem a pegar coisas palpáveis... quando saí... finalmente esse currículo, essa coisa, eu acho que aí ele vai começar realmente a coisa está andando. Por que até então está igual a do ano passado... aquela movimentação. Então a gente fez um trabalho que para o citotécnico... onde eu falo na introdução do citotécnico, e ainda boto ANACITO lá de cara, por que eu não sou besta, né. Boto lá ANACITO. E eles vão começar a ver uma publicação, em si, feita pelo citotécnico. E as parcerias por que essa... essa idéia... eu comecei uns cursos com a Leda, eu estava fazendo a especialização e eu tinha que fazer mestrado só que eu ainda não me animei, né. Não consigo fazer prova. Eu olha pras provas, olho assim toda envolvida com tanta coisa que não consigo estudar para prova nenhuma. E só faltam me matar que eu não tenho mestrado. Eu tenho um monte de coisa... complicado, né. Mas, não tenho mestrado. Mas eu vou... vou ter que fazer. Esse ano que vem saí. Ai eu falei assim, posso ir lá assistir? E fui assistir... começaram a falar de Maxx, eu fiquei enlouquecida... eu falei quem é esse homem? De onde saiu isso? Com aquelas linguagens todas e eu assim desesperada... gente que quê isso? De onde sai... agora até me ?? melhor. Então... até então eu ficava assim. Foi quando eu comecei a perceber a necessidade de ter essa coisa da RET-SUS, nas RET's, das Escolas Técnicas, eu falei, é importante que o técnico comece a saber disso para saber que isso está influenciando na vida dele. E a Fiocruz já queria fazer um livro com... de citologia, por que eles tem o curso técnico. Que tem a ISTO, mas não tem a CITO. E... aquilo que eu disse, é uma coisa muito restrita. Tirando o INCA e algumas pessoas, não tem esse domínio. Ai eles pediram para fazer uma parceria, né. Convidaram a Leda. Aceitou. Aí

depois a Leda me pediu ajuda. Acabou que eu estou lá no meio também. Eu falei, coloca como ANACITO. Quero o nome da ANACITO. Tudo bem, vai lançar. Aí até agora a gente está tendo uma confusão, mas o livro vai sair Citotecnia junto com a Fiocruz. Eu comecei lá a conversar com o pessoal, então a gente começa a contar a nossa história o pessoal fica horrorizado por que não acredita que isso exista. Ninguém acredita que isso exista, né. Uma profissão está nesse aspecto em pleno século XXI. Então eles começaram, nossa... por que aí a gente vai juntando... ai comecei a ver a coisa de regulamentação. É um perfil político que eles tem bom, né. Agente comunitário... de saúde. Como é que foi a regulamentação. Eu comecei a me envolver, a fazer amizade, sou uma garota simpática, né, fazer amizade. Vou em todos os eventos deles. Aí comecei a participar dessa... você viu na apresentação... desses encontros de comunidade. E eu fui... e eu comecei a visualizar que quando eu participo disso eu estou visualizando aquilo que pode ser importante. Eu falei, bom, se está tendo isso tudo, o técnico tem que está ali. Por que... foi com o próprio técnico que lá na coisa falou... tem gestores, RH... mas, a pessoas que faz ali... ele não é chamado. Como é que você pode decidir uma coisa baseada no que você acha que é dentro da profissão. Então acabei me enterrando disso... e é importante essa construção para a gente poder construir a ANACITO. Eu não posso construir a associação como antigamente. Eu procuro analisar pra ver os... não é erro, né, mas tentar acertar. Foi construído muito na emoção do profissional. Muito na emoção e criou-se. Eu não. Eu quero construir uma coisa política, mas eu não estou falando em chamar um deputado não, a coisa política mesmo. Na influencia de saber essas relações. Se está entrando na SEJET saber falar a mesma linguagem, por que isso vai influenciar a nível de gestão. Então, essa coisa que acaba entrando por osmose na minha cabeça e eu vou juntando uma coisa com a outra. Se está tendo isso tudo, tá formando escolas nos outros países, então o Brasil tem que estar diante disso. O INCA não pode ficar. Tem que ter um papel importante. Então tem que... mas como eles vão saber só o próprio técnico, por que aí vamos falar que... disso não vai ser mostrado pra ninguém, então vamos falar aqui. A própria chefia do INCA nunca teve muito interesse as chefias. Se não isso já tinha crescido. Você vê que o nosso curso tinha um perfil e o ultimo nome que nos tivemos era voltado para o câncer de colo do útero. Especificou muito só para o câncer de colo do útero. Para justamente tirar todo o resto. Então, se lá dentro e ao mesmo tempo você vê aquela reinauguração, mas o INCA a única coisa que ele tem... ele não tem novidade nenhuma. Gente o INCA é uma Instituição a nível nacional que ainda é do tempo do... do Mario... do Jordano. Mario Jordano não... Mario...

Paula: Mario Kraf.

Simone: Não... o que você foi entrevistar.

Letícia: Mario Jaconiani.

Simone: Mario Jaconiani. Que tem Mario Jordano é o outro. Do Mario Jaconiani... o aspecto esta bonito, microscópio novo, mas se você for pegar como era o citec naquela época e vê o citec agora...

????: Não tinha o SISCOLO.

Simone: o tramite é o mesmo. A pouco tempo que a gente tem maquina.

Marco Porto: Isso que é grade curricular?

Simone: Não. Não estou falando de grade. Estou falando da... do próprio laboratório. To falando do laboratório, né. Do laboratório. Você vê...

Marco Porto: O que precisaria ser diferente?

Simone: Vou dar um exemplo. Por exemplo, até hoje... algum tempo atrás boto uma maquina. Era aquela coloração... né... manual. Já entrou citologia... em aspectos... como se diz? Você não tem treinamento. O próprio técnico lá, se quiser... a minha chefe falou assim, ah vocês vão ter que melhorar a coloração lá não sei aonde. Eu falei, como vou melhorar uma coisa que não fui treinada? Qual o treinamento que nos técnicos temos, dentro daquela... dentro da coloração, né, dizer assim, olha esse corante serve pra isso, por ter sinuancia, está cometendo essa coisa. Não preciso saber de química, mas pelo menos saber o que eu posso usar de acido... do que eu estou falando. Nos não somos treinados nisso. Quem faz a coloração, desde que eu entendo, é aquelas pessoas era da ???? nível elementar que fazem. O citotécnico nem entra ali dentro, então como é que eu vou lá fora, como o INCA, fazer no manual e treinar aquele povo em coloração. Nós não temos isso. Eu sinto falta disso lá. O INCA tem que se preparar... o seu profissional pra responder aquilo. Eu fui trazer um cara para falar sobre citologia em liquido, que não é nem tecnologia nova, que já está na segunda geração. Meu chefe não queria que... não você... o INCA... aqui é o INCA, é serviço publico. Você acha... eu falei, mas chefe! Eu não estou dizendo que o INCA... mas, como professora, meu aluno tem que saber. Que esses laboratórios particulares aí já estão fazendo. Ele tem que saber. Eu acho que o INCA deveria ter também, não estou dizendo ter... ter essa citologia especial, por que ele recebe material de outros lugares e é uma tecnologia, tem pesquisa, que tinha que ter essa técnica... também. Não pra... mas é uma... por que até... como é que ele chega nos outros locais... ligam pra gente e diz. Ah que vocês sabem de citologia milica? Se não ele perde de ser referencia. Então eu acho isso... que precisa ter uma melhorada nisso. Mas é uma opinião de uma... entendeu. Mas si... é uma grande de uma técnica que está ali dentro. Por que pros outros é uma única, por que os outros está acomodado. Eu falei: gente é o nome INCA. Você vai... eu fui lá fora em Portugal. Lá já é tudo automatizado, mas eles não tem quantitativo de laminas que a gente tem. Ficaram assustados quando eu fui fazer a

apresentação e falava que nós... e 30.000 citologias convencionais. Ahh... ficaram assim... AHH! Tudo olhando para minha cara. Convencional... olha como somos bom? Convencional. Eu falei assim: então eu estou dizendo que.... vamos, ah, botar tudo moderno. Não, não é botar tudo moderno, mas acho que nós temos que ter as duas áreas, os dois testes. Como é que ele vai fazer de repente um controle de qualidade nos outros laboratórios, se os particulares então usando citologia em milito? Alguém aqui sabe lê para fazer o controle de qualidade milito? Então, acho que perfil por ele ser INCA, teria que ter essas duas coisas. Teria que colocar o técnico... por que aí... até hoje ainda é receita de bolo. Chegou... eu fui ensinar para um aluno um negocio, sei que, aí você está lá... nos usamos esse fixador aqui. Eu não sabia. Lá no nordeste aquele identificador de espraie. Um outro tipo. Aí como eu vou ensinar a técnica para ele, que aqui a técnica é baseada na nossa própria coloração. Não é retirada daquele material. Se usa esse pilan, o que quê eu uso antes? Então acho que se você quer ser normatizador... acho que a gente precisa se... como se diz... está mais informado... né, o tempo está correndo e a gente está muito aqui... lá fora para poder ser um normatizador de alguma coisa. A minha opinião é que deveria ter isso, né, é então você ainda não tem isso aqui dentro. Ainda está... isso que eu digo, ainda tá no tempo que era o Dr. Mario. Só está mais moderno. Mais ainda era... a pouco tempo a gente tem uma máquina, mas era uma confusão naquela maquina. De vez em quando até acertar. Se não ainda era cora, monta que está mais... essa é minha opinião. Espero que a Vanda não me mate por causa dessas coisas, mas infelizmente eu não consigo não falar o que eu opto.

Paula: Você quer falar mais alguma coisa?

Simone: Nossa Senhora! Estou vendo vocês cansados e eu aqui tu... tu... olha, só para... eu acho... eu acho que tudo na vida tem o porquê, né! Por isso que eu falei que achei engraçado tudo que chegava até mim. Coincidência. Eu estava... eu tava em todos os lugares e eles chegaram até a minha pessoa. Todas as informações,???? nas férias, que eu nem sabia. Descobri por acaso e já consegui me meter lá pra assistir, por que eu acho um absurdo você fazer o rastreamento e você não chama o profissional técnico para dizer as suas duvidas. Hoje mesmo veio um perguntar o negocio do SISCO que não conseguia entender, por que quê ali... o que quê dizer. Então se ele vai preencher aquilo ali. A pessoa que vai preencher e marcar... você deve... ele tem que estar participando vendo o significado daquilo. A pessoa tem que entender que aquela lamina não é só ganhar dinheiro, né. É importante ganhar dinheiro? É. claro, também quero. Mas sem visualizar que aquilo ali é uma lamina que um impacto. Eu digo um impacto não só do preenchimento, mas da resposta. Eu como trabalho num hospital diretamente com o paciente... lá no hospital eu trabalho diretamente com... o paciente vem buscar o exame comigo. Eu sei o impacto de um resultado de um laudo. Até agora uma vizinha... como eu sou do INCA... eu falei pra minha mãe não falar que eu sou do INCA... que não adianta, se não bate todo mundo

na minha porta, mas de vez em quando ela solta, eles vão logo me fazer pergunta. Por que eles não querem vem me perguntar. Então você tem que está preparado... até veio uma agora... você vê... então você vê o impacto... por acaso a professora é do INCA ela também... ela recebeu um laudo... é o tipo de pessoa que cole exame de 6 em 6 meses. Não é necessário, mas ela que. Sempre deu negativo... resolveu colher... por um problema colher em outro lugar... veio um carsimo em cito. Tu imagina o estado dessa paciente e o estado do medico que acompanha ela a anos. Que passa pela cabeça dele? Eu não vi? Eu deixei passar? Quando você for fazer exame eu quero ir junto. Aí agora ela não teve a resposta... acho que... parece que estava tudo bem. Então olha o impacto que isso dá. Acho que isso tem que ser bem visível para quando ele preencher aquilo. E por que eu acho que tem que regulamentar e que pelo menos ele seja permitido assinar... saber que ele é responsável pelos negativos. Por que as pessoas vão lendo... por que pra elas... não é que seja irresponsável, mas quando você tem um impacto, você sabe que seu nome vai está ali... a coisa muda. É isso que tem... a coisa muda. Já teve um que disse: a vou deixar de ser citotécnico... ah, além de ganhar pouco ainda vou ter que pagar. Então você vê a mentalidade. Eu falei: então você deixa, gente. Por que alguém vai ter que fazer. Alguém vai ter que aprender. A coisa vai ter que melhorar. Então é... acho que... essa coisa é legal. Eu brigo lá com o meu vice-presidente, eu brigo com ele, mas a gente se entende por que eu consigo convencê-lo. Eu sai de lá, de Brasília, pois eles estavam montando formação. Ele me chega, me fala, outra vez que tentei enforcá-lo. Bom que é distante. A você sabe que o Dr. Stefani me chamou para fazer um projeto. Eu falei: que projeto rainha? Tem duas meninas que fazem coloração. Que ele me pediu para treinar. Treiná-la. Eu falei: o quê? Nos acabamos de saí de Brasília, tú vai treinar? Ah... foi aí que ele disse: você acha que isso vai mudar? Que dizer, você vai treinar. Você além de ler seus casos, digitar os casos... ah não, aí eu... ela disse que não ia me tirar nada. Então o que eu fiz, já que eu vou ensinar as meninas, elas que digitem. Ainda está terceirizando as garotas. Quer dizer, escuta, participa, mas é difícil assimilação. É difícil. Esse... essa que é a coisa bem complicada. A... foi tão... massificado o profissional que a gente está tentando correr com o tempo... pelo menos estou tentando a última chance, de reverter. Também se não reverter agora os outros... aí que quê ele fez, reclamava do nível superior está fazendo biomedicina porque viu... por que ele viu assim: eu não vou a lugar nenhum. Aí você tem um monte... então a coisa está nesse pé. Então Associação... até a Leda: a, estou preocupada. Eu falei: eu não estou por que não adianta “abraçar o pé com a peneira”. Abraçar tudo. Não adianta. Tem que ser assim de vagar. As pessoas tem que tomar consciência, se não fica... ah, estou ajudando a Simone. Não é ajudar. Igual a menina que mandou e-mail, aí já falei né quando você fizer a nossa regulamentação. Eu falei: eu não vou fazer a regulamentação de ninguém não. São vocês. Acordem pra isso. Eu estou tendo a chance de estar nesses lugares todos e poder passar a informação. Mas isso vai ter que vim deles, por que se na primeira rebordosa eles se enfiam dentro da caverna de novo e fica. E a gente vai brigar a toa. Então é trabalho de reconhecimento. Fazer, éh... o citotécnico se

reconhecer como profissional, que... acho que se fala mas não se reconhece como aquele profissional, com responsabilidade. Que foi muito tratado, você faz isso, você está lá no canto, você, tipo, não é nada. Fazer esses acordos do livro, aí surgiu esse livro. E o outro livro foi uma idéia que eu levei lá para a biosegurança. Por que, quando se fala em regulamentação você tem que saber aquelas perguntas: qual é a carga horária? O negocio do chilou? Quem mais no setor mexe? Ih, chilou não dá câncer nada. Nunca soube disso. então é preciso fazer um livro. O cara falou, um dos responsáveis da biosegurança lá. Acho que é Marco Antonio. Marco Paulo, assim um nome assim diferente. E ele falou assim: ah, mas tem muito livro de biosegurança. É, muito livro de biosegurança que eu também leio e não consigo assimilá-lo dentro do meu trabalho. Temos que generalizar. Então, ele achou a idéia ótima. Apoio, disse que vai fazer. Então, acabou me metendo mais um livro, mas é que ele tem que sair. Que se... entendeu? Eu tenho que pelo menos já ter começado. Já tem as pessoas. A gente tem o material. O INCA tem material. Gente, o que tem de citologia e não se produz. Achei na ata citológica, "asfírgilios", a foto bonita. Foi capa... capa de livro da área citológica internacional. A gente tem trilhos daquilo no INCA. A gente tem muito material. Aquele material tem muito material para ser passado. E a coisa não sai. Então acho que ele tem que acordar. O INCA que me perdoe. Se não.... cabei... cabei.

Paula: Obrigada Simone.

Simone: Eu falei: é muita história, muita coisa, muita... muita informação.

Marco Porto: Conseguiu gravar tudo?

Paula: É.

Simone: É muita informação.

Luiz Antonio: Obrigada Simone.